

**Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Faculdade de Letras
Pós-Graduação em Estudos Literários**

Joana Angélica de Souza Silva

Álbum de Leitura de Rachel de Queiroz

**Belém-Pará
2011**

Joana Angélica de Souza Silva

Álbum de Leitura de Rachel de Queiroz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales.

**Belém-Pará
2011**

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo amor e dedicação para comigo. Eles foram a peça fundamental para que eu tenha me tornado a pessoa que hoje sou.

Agradecimentos

Ao meu pai, Abílio, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo. Homem pelo qual tenho maior orgulho de chamar de pai, pessoa que sigo como exemplo; pai batalhador que abriu mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste trabalho;

A minha mãe, Deolinda, por ser tão dedicada e amiga, por ser a pessoa que mais me apóia e acredita na minha capacidade. Meus agradecimentos por todo o amor, paciência e carinho. Obrigada por ser o meu anjo da guarda sempre pronto a me levar adiante; obrigada por ser a melhor mãe do mundo;

A minha orientadora, professora Germana Sales, pelo ensinamento e dedicação dispensados no auxílio à concretização dessa dissertação.

Resumo

No Brasil, entre as décadas de 1930 e 1960, uma coleção de romances constituiu-se em um tipo de leitura muito popular, consumida, principalmente, por mulheres jovens de classe média. Esses romances, em geral ambientados na França, foram traduzidos e editados pela *Companhia Editora Nacional* (SP) e colocados à venda em todo o país, com ampla propaganda, sob o título Coleção Biblioteca das Moças. A coleção era composta de 175 volumes, muitos deles assinados por M. Delly (35 no total), pseudônimo utilizado pelo casal de irmãos franceses - Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (1870-1949) e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (1875-1947). Dentre as leitoras dessa famosa coleção, destaca-se neste trabalho, a autora Rachel de Queiroz, que em seu livro *Tantos Anos – Uma biografia* cita três títulos desta “literatura cor de rosa”: *Corações Inimigos*, *Freirinha* e *Mitsi*. Rachel, assim como milhares de outras leitoras brasileiras, encontrava nessas leituras um refúgio, uma fuga da realidade tão “sem romance”. Como a coleção Biblioteca das Moças era destinada a um público feminino, nada melhor que um ícone literário feminino, como representante.

Partindo da importância que a coleção Biblioteca das Moças possuía para o público feminino da década de 30 a 60, este trabalho pretende refletir sobre a tão bem sucedida relação entre os livros dessa coleção e as leitoras de romances da época, além de recuperar a imagem de leitora empírica da escritora Rachel de Queiroz.

Palavras-Chave: Coleção Biblioteca das moças. Rachel de Queiroz. Romances

Abstract

In Brazil, in the decades of 1930 to 1960, a novel collection became very popular and consumed by young women from the medium class. These romances were translated and edited by Companhia Editora Nacional (SP), they were sold all over the country with the title *Coleção Biblioteca das moças*. The collection was composed by 175 volumes and most of them were written by M. Delly (35 volumes). M. Delly was a pseudonym of a couple of French brothers – Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (1870 – 1949) and Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (1875-1947). One of the readers of this collection was Rachel de Queiroz (who will be emphasized in this work). Rachel in one of her books called *Tantos Anos – Uma biografia*, mentions three books from this collection: *Corações Inimigos*, *Freirinha* and *Mitsi*. Rachel, exactly like other thousand of Brazilian readers, found in these books an escape of this sad reality.

Knowing the importance that this collection had for the feminine public during the decades of 30 to 60, this work intends to talk about the well succeed relation between the books of this collection and the readers, and wants to recover the image of the empiric writer Rachel de Queiroz.

Key-Words: Biblioteca das Moças collection. Rachel de Queiroz. Novels.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1- MULHERES E ROMANCES – PRÁTICAS DE LEITURA	11
1.1. A educação de mulheres – A condição intelectual feminina no século XIX e início do século XX.....	12
1.2. Ler romances: fuga do mundo real.....	16
2- RACHEL DE QUEIROZ: UMA HISTÓRIA DE LEITURA	27
2.1. Tantos Anos – Um livro de memórias.....	34
2.2. Rachel de Queiroz e suas leituras.....	41
2.2.1. O que lia Rachel de Queiroz?.....	42
3- COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS – UM FENÔMENO EDITORIAL	50
3.1. Nobres, ricas, felizes e louras.....	51
3.2. Seios arfantes, frêmitos intensos, fervores religiosos.....	53
3.3. Romances de M. Delly – o mercado editorial e a educação de moças.....	56
3.4. As capas, os títulos e as letras dos livros de M. Delly.....	69
DEPOIS DO ÚLTIMO CAPÍTULO	89
BIBLIOGRAFIA	92

Introdução

Eu sempre soube que Rachel de Queiroz era uma grande escritora. Isso é fato. Mas eu jamais imaginei que pesquisar sobre ela fosse algo tão prazeroso e, de certa forma, estimulante. A cada biografia que eu lia sobre a romancista, era como se algo novo estivesse se abrindo na minha frente. Com esse trabalho descobri o maior prêmio de um pesquisador, que o motiva a sempre seguir em frente: o prazer da descoberta.

A leitura do livro de memórias *Tantos Anos*, escrito por Maria Luísa de Queiroz e Rachel de Queiroz, foi o ponta pé inicial para o desenvolvimento deste trabalho. Pela primeira vez, para mim, vi a escritora de uma forma diferente, como uma intelectual, é claro, mas ao mesmo tempo uma pessoa marcada por diversos acontecimentos que foram fundamentais para que ela se desenvolvesse como tal. Os estímulos dos familiares, as ligações políticas, os amores, enfim, tudo que contribuiu para que Rachel de Queiroz fosse uma das grandes romancistas brasileiras.

A parte interessante da pesquisa foi descobrir que Rachel - a intelectual era uma leitora comum, que lia coisas triviais como qualquer um de nós. A partir de então, vesti a roupa de pesquisadora e comecei a ler tudo o que pudesse me mostrar o que Rachel de Queiroz lia. Além dos livros, biografias, artigos e entrevistas impressas, assisti também inúmeros vídeos em que ela contava sobre leituras marcantes e inspirações literárias.

Rachel de Queiroz se tornou, para mim, um grande mosaico, que a cada nova peça encontrada, três novas peças se perdiam, mas o melhor de tudo é que nunca me senti desestimulada por conta disso. Pesquisar sobre uma grande figura feminina como ela tem um charme a mais, um charme que encanta quem lê.

O primeiro capítulo desta dissertação é introdutório. Não se podia falar de uma leitora/escritora do início do século XX, sem que um perfil histórico fosse traçado. A constatação de que a leitura para a mulher foi um processo lento e gradativo, e que durante o período que Rachel de Queiroz nasceu era algo nocivo para o sexo feminino, aumentou ainda mais a minha admiração pela escritora, já que Rachel de Queiroz lia muito sobre tudo e nunca encarou a educação como prioridade masculina.

Ao mesmo tempo em que me senti feliz ao ver Rachel de Queiroz quebrando preconceitos com a sua prática de leitura, também me senti envergonhada por ver em que situação, nós mulheres, estávamos sujeitas no final do século XIX e início do século XX.

Todas as privações sofridas pela sociedade machista da época se refletiram no nosso processo educativo tão retardatário. A autora Barbara Heller com o seu livro *Da pena à prensa – Mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)* foi fundamental na reconstituição desse período.

O segundo capítulo explora como a escritora e leitora Rachel de Queiroz se transformou em um símbolo literário do país. A recuperação de todo material encontrado foi sintetizado nesse capítulo da dissertação. Livros como *Rachel de Queiroz*, de Haroldo Bruno e *No Alpendre com Rachel*, de José Luís Lira, constituíram fontes essenciais para a compreensão da vida da autora e de alguma de suas leituras. Os focos principais foram: como essa grande leitora se desenvolveu, como ela surgiu, quais foram os seus estímulos, o que ela lia; e foi baseado nesses dados que muito se descobriu sobre a sua personalidade leitora.

Além de falar sobre a leitora, também veio à tona a história de Rachel de Queiroz com as pessoas que amava e que tanto contribuíram para a sua formação como pessoa. O livro *Tanto Anos*, que possui um sub-capítulo próprio neste trabalho, é uma prova do grande amor que Rachel sentia por sua irmã e por várias pessoas que fizeram parte de sua trajetória.

Com base nas pesquisas realizadas sobre a Rachel - leitora, o terceiro capítulo criou forma. Deparei-me, em suas memórias, com três livros de uma famosa coleção da primeira metade do século XX: a Coleção Biblioteca das Moças. Esta coleção foi considerada uma verdadeira febre editorial durante 30 anos, encantando jovens e mulheres que ao lerem aqueles romances açucarados tinham como limite a própria imaginação.

A descoberta que a grande Rachel de Queiroz estava inserida naquele grupo de milhares de mulheres que sofriam, choravam, riam e se emocionavam com aqueles romances com heroínas e vilãs elaboradas, escritos sobre medida para o público feminino, foi estimulante.

O livro de Maria Teresa Santos Cunha, *Armadilha da sedução- Os romances de M. Delly* conseguiu fazer com que eu visualizasse a grandiosidade daqueles romances, e como a editora de Monteiro Lobato conseguiu torná-los tão marcantes e únicos, não apenas com a forma que eles foram traduzidos, mas também com a parte externa cheia de cores e lindas letras.

Mediante a popularidade da Coleção Biblioteca das Moças, sentiu-se uma necessidade de averiguar nos periódicos da época como as estratégias publicitárias se

davam. No arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP) dez periódicos traziam propagandas persuasivas e encantadoras, que comprovavam toda a popularidade daqueles romances.

A idéia deste trabalho foi um grande presente que me foi dado, e espero que quem o leia consiga sentir toda a dedicação que nele foi colocada. É muito prazeroso apresentar um álbum de leitura de Rachel de Queiroz. Encantei-me com as minhas descobertas e espero que vocês também sintam o mesmo.

Capítulo 1

Mulheres e romances – práticas de leitura

Eu sempre gostei e até gosto ainda de ler romances. É como fugir um pouco desse mundo. Quando leio, não presto atenção em nada ao meu redor. Fico imaginando cenas e situações. Acho que o bonito é assim mesmo; a gente deixa o pensamento ir, como diz aquela canção: ‘o pensamento parece uma coisa à toa, mas é que a gente voa, quando começa a pensar!’ E os romances que eu li bem mocinha eram um prato cheio, embora, às vezes, de um romantismo muito exagerado.

Sra. B., Ent. 4¹

A associação mulher/romance está muito presente no imaginário ocidental, já que parece haver uma ligação com o fato de que, tradicionalmente, se atribuía a mulher a dimensão do privado, da casa, da intimidade, o que lhe daria, por conseguinte mais disponibilidade de tempo para a leitura de romances. Por contas disso, tornou-se comum também ligá-la ao mundo dos afetos, dos sentimentos e emoções. Muitas representações dessas leitoras são demonstradas em dispositivos iconográficos:

Recorde-se o célebre e belo quadro de Renoir, *La liseuse*: a mulher e seu livro, toda a luz em sua face e em seu livro, olhos baixos presos ao texto, indiferentes ao espectador, ao em volta, e nem há o em volta, que é feito só de sombras e cores, azuis e verdes e cinzas. Nenhuma forma, ser ou objeto: só a mulher e o seu livro, e a luz que ilumina rosto e página, nada mais.²

É, principalmente, pela via literária que a leitura de romances sentimentais, enquanto hábito feminino aparece como tema constante. Grandes leitoras são mostradas ao público pelo próprio romance, uma vez que “os romances sentimentais tendem a ser reservados às mulheres, os bons sentimentos transformam-se em sentimentalismos”.³ Otto Lara Resende, da década de 50, ratifica a relação mulher/romance, declarando: “A partir do momento em que a mulher saiu de casa para trabalhar, o romance perdeu a maior parte do seu público”.⁴

¹ Entrevista concedida pela Sr.^a Beatriz, que não quis ser melhor identificada, em 10/01/1993, em Florianópolis (SC). In: CUNHA, Maria Teresa Santos. 1999. *Armadilhas da sedução – os romances de M.Delly*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.25.

² SOARES, Magda Soares. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: *Leitura: Perspectiva interdisciplinar*. São Paulo: Ática, 1991. p.18

³ BUFFAULT, Anne-Vicent. **História das lágrimas**. Tradução de Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.p.264.

⁴ RESENDE, Otto Lara. **Um velho papo furado**: Ninguém mais lê nada. In: Folha de São Paulo. Revista “D”. S.P. 15/03/1992.p.5

Vale entender, agora, como as mulheres e os romances se deram tão bem, a ponto de um lembrar o outro quase automaticamente e a razão dessa bem sucedida relação.

1.1 – A educação de mulheres no Brasil – A condição intelectual feminina no final do século XIX e início do século XX

Regina Zilberman, no seu ensaio *Leitoras de carne e osso: A mulher e as condições de leitura no Brasil do século XIX*⁵, afirma que a educação de mulheres constitui um fato histórico.

No Brasil, a educação feminina só é constatada a partir do século XIX, após a independência de Portugal, que motivou um projeto educacional para a nova nação, dentro do qual se incluía, ainda que marginalmente, o da instrução da mulher. Aqui, tal qual ocorreu na Europa, essa mudança teve efeitos no âmbito da produção e circulação das obras dos escritores brasileiros.

Após a proclamação da Independência, parecia haver, ao menos como discurso oficial, a necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial, atrasado, inculto e primitivo, como comenta Mary Del Priori no seu livro *História das Mulheres no Brasil*⁶.

O discurso sobre a importância da educação na modernização do país era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do parlamento, nos jornais e até mesmo nos saraus

O tema da educação feminina é, pois, relevante para a história da literatura brasileira e para examiná-lo, recorre-se a depoimentos de época, presentes nos livros de viagens de visitantes estrangeiros e nas manifestações de artistas, intelectuais, professores e militantes brasileiros que se posicionaram perante o assunto.

Os depoimentos, datados do século XIX, relatam a falta de instrução da mulher brasileira, indicando a ignorância delas, má aparência e frivolidade. Os primeiros autores dessas revelações foram os viajantes estrangeiros que conheceram o Brasil antes da Independência. Thomas Luccock, que esteve no país no início do século XIX, comentou o tratamento dado à mulher pela sociedade local:

⁵ Ensaio disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/poslit> (acessado em 12 de maio de 2010)

⁶ PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nu a sua falta de educação e instrução. [...] A ignorância que entre elas predominava, ao tempo em que vieram o Regente com seu séquito, era enorme, de todos reconhecida e muito lamentada pelos recém-vindos; transcorridos poucos anos, talvez que a coisa estivesse de algum modo remediada, mas a melhora não foi substancial.⁷

Henry Koster constata similar “estado de ignorância”, ao que atribui o mau tratamento dado aos escravos, fato que o escandaliza. Sugere que se providencie na formação dessas mulheres, o que lhes possibilitará igualarem-se aos homens:

Sempre ouvi frequentemente dizer, e não posso deixar de aceitar o reparo como exato na região do país de que estou tratando, que as mulheres são comumente menos humanas para com os escravos que os homens, mas esse fato procede, indubitavelmente, do estado de ignorância no qual elas vivem. Recebem escassamente educação e não têm a vantagem de poder obter instrução pela comunicabilidade das pessoas estranhas ao seu ambiente nem adquirem novas idéias na conversação geral. [...] Levei essas mulheres para diante, educando-as; ensinai-lhes o que é racional, e serão iguais e em nada inferiores aos seus patrícios. A falta não está no sexo mas no estado dos costumes.⁸

Por todo o século XIX o problema persistiu. A partir da década de 70, intensificaram-se as campanhas em prol da educação feminina, seja a anotação de José Veríssimo, publicada em 1902, relativa ao problema, genérico, do analfabetismo no país:

As nossas avós, na máxima parte, não sabiam ler, e o número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.356, isto é, sabiam ler apenas 16 ou 17 em cem brasileiros ou habitantes do Brasil. Difícil será, entre os países presumidos e civilizados, encontrar tão alta proporção de iletrados.⁹

Se “nossas avós” eram iletradas, o que faziam elas? Os depoimentos confirmam que ou não sabiam ler e escrever, ou seu conhecimento era limitado, visando reforçar a repressão doméstica. Explica Thomas Luccock:

⁷ LULLCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Trad. Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. p. 75.

⁸ KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Trad. Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Nacional, 1942.p.477.

⁹ VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 3ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p.46

Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não deveria ir além do livro de rezas, pois que isso lhes seria inútil, nem tão pouco se desejava que escrevessem a fim de que não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte.¹⁰

Jean Baptiste Debret confirma a prática pedagógica, revelando o modo de burlar a vigilância paterna:

Os pais e maridos favoreciam essa ignorância a fim de destruir pela raiz os meios de correspondência amorosa. Essa precaução, tão nociva aliás ao desenvolvimento da instrução, levou as brasileiras a inventarem uma combinação engenhosa de interpretação simbólica das diferentes flores, constituindo uma linguagem.¹¹

O universo da leitura da mulher brasileira é dos mais restritos. Ilustrada na maioria dos casos faz parte de uma sociedade para a qual o livro, a leitura e a cultura não parecem apresentar maior significado. Quando recebe educação formal, esta prima pela superficialidade. Conforme aponta Moritz Lamberg, ao final do século XIX e início do XX:

Assim que [as moças] conseguem pronunciar algumas frases em francês e arranhar piano, está terminada a sua educação. Saem da escola e são moças, que os pais, com o máximo cuidado, preservam de qualquer contato com os homens.

O comércio livre entre uma mulher espirituosa e instruída e amigos, como há em todos os países civilizados, não é permitido aqui. Os homens são por demais ciumentos e desconfiados.

A ocupação doméstica das mulheres, quando se ocupam de alguma coisa, consiste na leitura de romances, que bem sempre são dos mais escolhidos, e em inúmeras futilidades.¹²

Ela consome folhetins e romances ligeiros, oferecidos pela imprensa e editoras e mesmo essa leitura é diminuída, seja porque as obras são consideradas de má qualidade, seja porque seria desejável que lessem textos mais elevados e menos desestimulantes. As opções são raras, o que suscita a militância de muitos, especialmente mulheres, no sentido de estimular a educação feminina em melhores termos, argumentando ser essa a condição para a estabilização da vida familiar no Brasil e seu progresso.

¹⁰ LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Trad. Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. p.75

¹¹ DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1954. 2.v. p.16

¹² LAMBERG, Moritz. **Educação diferenciada**. In: LEITE, Miriam Moreira (org) *A condição feminina no Rio de Janeiro; século XIX*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1984. p.85-87

Barbara Heller¹³ afirma que os índices de alfabetização feminina no período de 1890 a 1920, indicam a baixa escolaridade de mulheres: apenas 20% delas sabiam ler e escrever neste período, contra 29% de homens alfabetizados. Essa tendência começou a se reverter a partir da proclamação da República quando se iniciaram campanhas de alfabetização em massa no Brasil. Ainda assim, às mulheres não foram dadas as mesmas oportunidades que aos homens.

Mary Del Priore, na obra *História das Mulheres no Brasil*¹⁴, conta que para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens.

Impunha-se às mulheres uma vida quase exclusivamente nos arredores do domicílio. Quase não se retiravam dos interiores das casas, e quando o faziam eram acompanhadas por pessoas de confiança. Frequentar as poucas livrarias, os gabinetes, os cafés e os outros espaços sociais colocava em risco a credibilidade moral de jovens mocinhas e mães de família. Isso significa que desempenhar qualquer atividade que evidenciasse socialmente as mulheres implicava a contraversão do código da moralidade instituída na época. Impunha-se o silêncio feminino sob muitas formas.

A parte feminina da família, sobretudo, levava vida quase unicamente restrita ao lar. A senhora só saía à rua pelo braço do marido, as meninas unicamente com os pais ou parentes idosos. O pretexto único eram as visitas, pois as compras eram feitas pelos pajens, visto que uma senhora nunca entrava numa loja

¹³ HELLER, Barbara. **Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil**. Tese de doutorado, Unicamp, 1997.

¹⁴ PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução.

Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, de formadora dos futuros cidadãos.

As que pertenciam a uma camada econômica mais favorecida eram educadas por preceptoras estrangeiras ou por religiosas nas escolas de freiras que começavam a se instalar no Brasil, essas mulheres não chegavam a aprender um ofício, nem a praticar escrita e leitura plenamente. Ao contrário: temia-se que mulheres letradas pudessem ler romances considerados perigosos à boa conduta e pudessem trocar bilhetes amorosos. A leitura, portanto, deveria ser vigiada e controlada. De preferência, pelo marido, pelo pai ou pela Igreja.

Já as mulheres de classes sociais mais rebaixadas não aprendiam a ler e a escrever nas escolas, uma vez que ainda não se havia implantado um sistema educacional no país que atendesse a essa camada da população.

Assim sendo, supõem-se que não deveriam sequer ter sido procuradas pelos recenseadores quando da realização do censo de 1920 que averiguava o grau de instrução, idade, sexo e nacionalidade nos Estados e capitais de 1890 a 1920 no Brasil.

1.2 - Ler romances: fuga do mundo real

É no século XIX que a leitura, em particular a feminina, torna-se um tema inquietante quando é tematizada na literatura. O século XIX marca-se, portanto, como período da literatura no mundo, e no Brasil não é diferente: “A literatura exercia como nunca sua

função social: os escritores eram respeitados, as conferências literárias, um acontecimento social”¹⁵.

Nesse período, passa-se a testemunhar anseios humanos mais profundos, pois a literatura preserva ou defende dimensões da vida, principalmente feminina, reprimidas pelos poderes econômicos ou sociais.

Ainda com relação a mulher e o romance no Brasil, dos fins do século XIX e início do século XX, Machado de Assis, dirigia-se à leitora, várias vezes e em obras distintas, parecendo admitir (convenção ou realidade?) que a leitura de romances seria parte da vida feminina. A noção de que estava escrevendo para as mulheres é explícita em seus romances: “A leitora que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, que fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida, eu mudo o rumo.”¹⁶

Em muitas outras oportunidades, Machado procura criar cumplicidade com a leitora de seus romances, ora tratando-a como “leitora curiosa, leitora amiga”, ora explicitando ser óbvio o interesse das leitoras pelos romances de amor: “O que a senhora deseja, minha amiga, é chegar já ao capítulo do amor ou dos amores, que é seu interesse particular nos livros”.¹⁷

Os romances de amor – em particular os franceses – eram a literatura mais largamente consumida entre as mulheres da elite brasileira a partir dos meados do século XIX, como notou Machado de Assis. A leitura de romances incluía tanto a série escrita pela Condessa de Ségur¹⁸ - que compunha a *Bibliothèque Rose* – como os folhetins literários, outra criação francesa, publicada em nossos jornais: *Marieta gostava de ler em voz alta e já havia esgotado a Bibliothèque Rose, madame de Ségur e seus deliciosos livros: As meninas exemplares e as Férias*.¹⁹

¹⁵ MUZART, Zahidé L. Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. Florianópolis: Editora das Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. P.24.

¹⁶ MACHADO DE ASSIS, J. M. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

¹⁷ _____. **Esau e Jacó**. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p.67.

¹⁸ A condessa de Ségur publicou, em Paris, seus romances para crianças e jovens a partir de 1858. Amplamente difundida entre a elite brasileira, seus romances *As meninas exemplares*, *As férias* e *As desventuras de Sofia* ficaram bastante conhecidas e se constituíram em leitura obrigatória de jovens bem-nascidos. As lembranças dessas leituras aparecem, até hoje, em obras de autores nacionais, como no texto de Lygia Fagundes Telles: “Li na minha adolescência um livro encantador, ninguém mais lê esse livro, mas a geração da minha mãe se deliciou com ele, *As meninas exemplares* da Condessa de Ségur. Você já ouviu falar?”. (*As meninas*. São Paulo: Nova Cultural, 1992. p.199.

¹⁹ OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. **Elos de um corrente – seguidos de novos elos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p.41.

Nessa época, acelera-se no Brasil o contato econômico, político e cultural com o exterior, principalmente com a França, o que deu oportunidade às mulheres já alfabetizadas e de classe mais abastada para consumir bens culturais como o livro, o teatro, a imprensa. Essas mudanças propiciaram-lhes acesso às novas condições materiais e permitiram-lhes desenvolver hábitos e aspirações mais frescos. O sobrado urbano ia, aos poucos, substituindo a casa-grande e, ao se abrir para a rua, “libertou” esta mulher da vigilância absoluta do pai e do marido. Ela começou a aparecer mais no espaço até então interdito das ruas, dos cafés, dos teatros e dos bailes. Houve a importação de um modelo aristocrático notadamente francês para a educação feminina: tocar piano, dançar, aprender francês e ler romances, dispositivos que vão ajudando a construir culturalmente uma imagem de mulher burguesa.

A influência cultural francesa na vida brasileira – mais largamente difundida entre as elites – tem sido alvo de alentados estudos. Jeffrey Needell, em uma pesquisa sobre a elite carioca, aponta a chegada da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, como propulsora para a vinda de muitos franceses, principalmente em razão da Missão Artística Francesa de 1816.

Além disso, as viagens de diplomatas e estudantes ricos para Paris e a predominância francesa na educação das filhas da burguesia brasileira fomentaram uma “era francófila” que se estendeu até a primeira metade do século XX. Enquanto hábitos, modas, mobiliários e vocabulário mantinham uma tônica francesa, os colégios femininos marcavam significativamente a educação da mulher de elite, reforçando a construção de um “modelo” feminino dotado de atributos como refinamento, a compostura, a polidez, a discrição e a elegância, aliados a uma noção precisa de hierarquia e submissão. Estudar em colégios de procedência francesa era considerado distinto e superior, como sublinha Jeffrey Needell:

Aquelas que passavam por essa experiência intelectual e social eram diferentes, e essa distinção era deliberadamente buscada. As ‘enfants de Sion’ eram reconhecidas por seu francês perfeito, maneiras refinadas, formação em literatura clássica e apropriada submissão à autoridade.²⁰

A influência francesa se faz sentir também na venda de livros. Assim, Laurence Hallewell, em seu estudo sobre o livro no Brasil, apresenta dados relativos à importação de

²⁰ NEEDEL, Jeffrey. **Belle époque tropical: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.83 e 211.

livros de língua francesa: em 1910, o valor dessas importações era de \$ 404.856, perfazendo 52,4% sobre o total de livros de todo o país, situação que se manteve estável até a década de 30. Ainda em 1939, as importações francesas representavam 8,6% do total de livros importados.²¹

A vida nas cidades, ao oferecer outras alternativas de convivência social, somada ao impacto de novas tecnologias – bonde, eletricidade – levou a uma reorganização do tempo e das atividades femininas, propiciando, nas classes mais abastadas, espaço para o lazer, para o ócio. Os livros e a leitura foram, assim, dispositivos muito importantes para o combate ao marasmo feminino – grande horror, sobretudo, da Igreja Católica então hegemônica – que poderia originar maus pensamentos, desejos inconfessáveis, necessidades estranhas e, por isso, ser extremamente pernicioso à formação feminina.

Toda essa situação se cruza com a acentuada entrada do capitalismo que, atingindo formas mais avançadas de produção, trouxe, entre outros progressos científicos, o desenvolvimento da imprensa e do mercado de livros, tornando-os mais baratos e, por conseguinte, mais acessíveis. O crescimento e a consolidação de uma classe média e a concentração da população em grandes centros urbanos forneciam a criação de um espaço cultural no qual os bens simbólicos passam a ser consumidos por um público cada vez maior.

Essas transformações mais amplas de toda a sociedade brasileira na primeira metade do século XX têm consequências imediatas no domínio cultural. Renato Ortiz observa que, ao lado de um mercado de bens materiais, a economia brasileira, a partir dos anos 40, desenvolve um mercado de bens simbólicos que diz respeito à área da cultura, no qual a edição e o comércio de livros se destacam. O setor livreiro conhece, a partir dessa década, uma expansão considerável. Entre 1940 e 1950, o crescimento de livros editados é de 300%.²²

Lowy e Sayre, ao analisarem a relação entre romantismo e política, explicitam que, independentemente de sua origem de classe, as mulheres – como escritoras e leitoras de romances – mantêm, desde o século XIX até nossos dias, uma relação privilegiada com o romantismo, que corresponde, provavelmente, a sua maior ligação com valores sociais ou

²¹ HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: T. A. Queiroz/ EDUSP, 1985.p. 328.

²² ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.p.43.

culturais pré-industriais.²³ Isso tem sido objeto de estudos, igualmente, no campo da história da literatura brasileira. Segundo Nelson Werneck Sodré,

O aparecimento do romance e a sua vulgarização com o Romantismo, no Brasil, assinala a conquista de um público para a literatura (...). Ao elemento feminino da classe dominante, cujos ócios permitiam, dentro da restrição dos poucos conhecimentos destinados à mulher, voltar as suas atenções e preencher os seus lazeres com a leitura, dirigia-se o romance sentimental que acabou por constituir a caricatura do gênero.²⁴

Ao analisar a imprensa feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e inícios do século XX, Maria Fernanda Bicalho assinala:

Muito antes de ter acesso aos divertimentos mundanos que exigiam sua presença no espaço profano da rua, a mulher fazia parte de um público de leitores. Entre agulhas, linhas, riscos de bordados, confecção de doces, aulas de piano e de dança, a literatura era permitida como forma de lazer pela vigilância materna.²⁵

Assim, é possível afirmar que o hábito de leitura ia se consolidando na sociedade brasileira, a partir da conquista das mulheres mais abastadas e alfabetizadas como primeiro público-leitor, e foi o espaço das cestas de costura que primeiro acolheu o objeto-livro.

O tripé costura – bordado - leitura não é ocasional e mereceu análise de Maria Helena Werneck, por meio da investigação intitulada *Mestra entre agulhas e amores - a leitora do século XIX na literatura de Machado e Alencar*²⁶. A rede de leituras, clandestina ou não, formada em torno das horas de costura e de bordado, permitia a circulação de textos dos mais diversos e, mais que isso, constituía-se como um espaço de sociabilidade e de troca femininas por meio dos comentários críticos sobre os personagens, as trocas de intimidade entre um “causo” e outro e as aprendizagens partilhadas a pretexto das lições de moral e de vida encenadas nos enredos ficcionais.

²³ LOWY, Michel e SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.p.39.

²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. **Histórias da literatura brasileira**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

²⁵ BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX**. In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina O. (org.). *Rebelião e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1939.p.83.

²⁶ WERNECK, Maria Helena. **Mestre entre agulhas e amores – a leitora do século XIX na literatura de Machado e Alencar**. Rio de Janeiro: PUC, 1985. (Dissertação de Mestrado.)

Recordo com prazer ver minha mãe sentada em uma cadeira baixa, em frente de uma almofada de renda, pousada em um estrado onde as criadas trabalhavam. O estrado era um móvel indispensável na sala de jantar, que ao mesmo tempo era de costura. As criadas, ali sentadas, faziam renda ou coziam, tendo ao lado o balaio com os utensílios de costura ou pedaços de fazenda com que confeccionavam as peças de vestuários. Minha mãe falava-lhes benevolmente, muitas vezes contando-lhes histórias, quase sempre tiradas da Bíblia, em que era muito versada.²⁷

Em torno da cesta de linhas e de agulhas a trama da leitura reconstitui os cenários saídos dos romances, lidos em voz alta. Muitas mulheres atentas à leitura de folhetins apreciavam as fugas das mocinhas, debandadas da casa de seus pais, por seus comportamentos frívolos e admiradores secretos. Essas e outras imagens, retomadas dos livros e dos folhetins, são lembradas como parte dos impressos lidos e de seus vestígios no imaginário social feminino.

Com a chegada das máquinas de costura as leituras continuavam a atenuar o cansaço durante os serões noturnos, já que para muitas mulheres essa era uma atividade fundamental. O barulho das máquinas não ultrapassava a voz feminina ou masculina vinda da sala. Até as máquinas rendiam-se aos enredos propostos pelos velhos manuais românticos ou os livros de poesias. Nos momentos dramáticos ou de suspenses parava-se a costura para que a leitora pudesse apreciar cada palavra e trecho de seu romance predileto, como afirma Lilian de Lacerda no seu livro *Álbum de leitura - memórias de vida, histórias de leitoras*²⁸.

A indicação de que mulheres abastadas possuíam livros em casa ainda permite pensar que, em algum aposento do interior doméstico, livros de mulheres conviviam com outros objetos. Ainda não se pode falar em um gabinete de trabalho exclusivamente feminino, pois, como indicam vários registros literários e estudos sociológicos, quando existiam, eram exclusivamente masculinos. Se raras vezes a mulher podia entrar neste ambiente, ainda que fosse à presença do homem, não parece improvável supor que até os anos 20 do século XX não havia privacidade para a mulher ler e escrever no interior do lar.

²⁷ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. Longos serões do campo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v. II, p.33.

²⁸ LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura – Memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida, Lima Barreto, e Rachel de Queiroz, entre outros, reproduziram, na passagem do século XIX até os anos 20 do século XX, histórias permeadas de mulheres leitoras.

Em *A Família Medeiros*²⁹, romance publicado em 1891 e ambientado em propriedades rurais paulistas produtoras de café, Júlia Lopes de Almeida já sugere a ausência de um local para a mulher dedicar-se aos estudos e à leitura:

A saleta de costura era contígua e, ouvindo a bulha, Noemia, a irmã mais nova, abandonou a lição e, deixando a mestra só, veio cair risonha nos braços de Otávio.³⁰

[Eva] voltou-se para o interior da saleta [de música], sentou-se perto da mesa e pôs-se a folhear um livro, resolvida a falar com firmeza a Paulo sobre a conveniência de arranjar um marido. Esteve assim pouco tempo; depois, seguindo o conselho de Paulo, percorreu toda a casa, renovando ordens, alterando a posição de alguns trastes e feitorando o serviço. Os cuidados domésticos conseguiram muito: Eva distraiu-se.³¹

Conceição, protagonista do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz representa uma mulher que desfruta da disponibilidade necessária para a vida intelectual. Moça normalista, de 22 anos, residente numa cidade nordestina e proveniente de uma família em situação financeira confortável, pode identificar-se com o segmento da população feminina brasileira, que no primeiro quarto do século XX (o romance foi publicado em 1930 e narra a grande seca de 1915), tinha como ofício a prática do magistério, com requintes de leitura.

A cultura de Conceição, embora não muito extensa, pois conhecia todos os seus livros de cor, parece bastante variada: inclui diversos autores – Sienkiewicz, Coulevain, Nordau e Renan – e passa por diferentes temáticas: livros sobre religião, socialismo e feminismo compõem sua biblioteca particular.

A leitura de Conceição torna-se decisiva para a história que o romance narra. É o que explica a mudança de Vicente, primo de Conceição, com quem ela tinha um início de namoro, e que terminou por achá-la pedante:

Em vão [Vicente] procurou naquela moça grave e entendida do mundo, a doce namorada que dantes pasmava com a sua força, que risonhamente

²⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A família Medeiros**. (1891). Rio de Janeiro: Empresa Nacional de Publicidade, 1919

³⁰ Idem, p. 14.

³¹ Idem, p. 193.

escutava os seus galanteios, debruçava à janela da casa-grande, cheirando o botão de rosa que ele lhe trouxera.

Quando saiu, ia debaixo dum sentimento de desgosto, vago, mas opressivo. Por que estava Conceição tão longínqua e distraída?...E ao fim da visita, quando ela falava sobre o efeito da seca na vida da cidade, pareceu-lhe até pedante... Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza espezitada, características de todas as normalistas que conhecia...³²

Para Vicente, a súbita transformação de Conceição de doce namorada em normalista pedante era incompreensível. Para ela, no entanto, havia um motivo bastante claro que a fazia tomar distância de seu primo-namorado: crescia a diferença cultural entre ambos que, aos olhos de Conceição, definitivamente os separava:

[Conceição] pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse “é” distraído por detrás do jornal...Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença...³³

Conceição exemplifica como mulheres intelectualizadas acabavam por se tornarem incompetentes para conciliar vida afetiva e desempenho intelectual. Estas mulheres leitoras parecem personificar a forte resistência que havia na sociedade brasileira para que as mulheres, supostamente as das classes mais favorecidas, pudessem ter hábitos de leitura em sua vida cotidiana. Elas sofrem algum tipo de prejuízo quando possuem livros em suas mãos, em suas cestas de costura ou em suas prateleiras.

À medida que a cidade cresce novos espaços vão sendo definidos em função de novas tecnologias e mudanças econômico-sociais. Muda-se não apenas a cartografia, mas também as transformações no perfil sociocultural da cidade comprometida, cada vez mais, com a apropriação de um novo ponto de vista sobre a concepção do espaço urbano.

A presença de associações literárias mais diferenciadas no campo e, sobretudo, nas cidades, no século XIX, parece marcar outros/novos espaços de mediação, de acesso e de socialização de textos e impressos. São espaços, antes de tudo, de encontro e de reunião e que por isso servem tanto a pretextos políticos da localidade como a fins religiosos, de diversão, de comemoração e de instrução, como pode-se constatar nas duas citações abaixo:

³² QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. (1930). São Paulo: Siciliano, 1993, p.78.

³³ QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. (1930). São Paulo: Siciliano, 1993, p.79-80.

Continuei com minhas leituras e como não podia comprar livros, fiquei sócia de uma livraria na cidade que os alugava, até um por dia se quisesse, o que me deixou equilibrada com a fome de leituras que sentia. Leandro também gostava de ler; muitas vezes lia em voz alta os livros de Sinclair Lewis no original e também 'Forstyle Saga', de John Galsworthy. Havia dois proveitos nessas leituras: aperfeiçoávamos, ou melhor, acostumávamos com a língua inglesa e ficávamos a par dos bons romancistas norte-americanos e ingleses.³⁴

[...] Quando recitava o Círculo Vicioso dava entonação forte, vibrante, ao verso: "Mísera! Tivesse eu aquela enorme claridade..." , num louvor exagerado ao talento de Machado de Assis. Sentia que o autor, de onde estivesse, viria me escutar, me bater palmas, considerando-me sua intérprete ideal dos versos e dos sentimentos.

Busco-a na recordação do Gabinete Literário organizado e mantido por Eliezer Pinheiro, alma alegre, comunicativa, amante das coisas da inteligência e que, por isso, nos proporcionava ambiente propício à firmeza da mente e à segurança do espírito.³⁵

No início do século XX, surge uma publicação no cenário brasileiro, *A Revista Feminina*, que pode ser considerada mais uma dentre as várias publicações femininas que surgiram no Brasil ainda no século XIX. No entanto, algumas de suas características chamaram a atenção: sua longevidade, 22 anos (1914-1936); sua periodicidade, mensal; suas discussões internas sobre o que se devia dar como leitura às mulheres do Brasil.

A Revista teve origem em São Paulo, onde ocorreram, na virada do século XIX para o XX, fortes investimentos na escolaridade, ao mesmo tempo em que se notava crescente profissionalização feminina, principalmente no magistério.

Embora ainda em 1920 as taxas oficiais de alfabetização tanto para homens como para mulheres fossem baixas – 29% para os homens e 20% das mulheres³⁶-, é bastante instigante refletir por que a *Revista Feminina* teve na leitura um de seus grandes temas de debate.

Talvez porque houvesse mais mulheres lendo e escrevendo, pelo menos no estado de São Paulo, onde 90% das matrículas e conclusões do curso da Escola Normal pertenciam ao sexo feminino³⁷.

A revista espalhou-se pelo Brasil e suas páginas refletem a leitura consentida ao público feminino: junto com conselhos sobre maquiagem, moda, higiene e culinária,

³⁴ DUPRÉ, Maria José. Os Caminhos. São Paulo: Editora Paraula, p.280.

³⁵ ALMEIDA, Nelly Alves de. Tempo de ontem. Goiânia: Oriente, 1977, p.251.

³⁶ HELLER, Barbara. Da pena à Prensa. São Paulo: Porto de Idéias, p.80.

³⁷ Idem, p. 124.

encontram-se sonetos, trechos de romances, cartas e textos em que as assinantes manifestam-se preocupadas com o que dar como leitura às suas filhas:

Há muita gente que sabe ler e, ainda assim, não sabe o que ler. A mulher, principalmente, é vítima dessa penúria de escolha. Em geral são os romances de complicado enredo, de tramas amorosas morbidamente entrelaçadas, capitosas, enervantes.

A leitora saboreia-os com sofreguidão e, não raro, a mãe de família os reconta à tardinha, no serão do terraço, à vizinha que a visita, ou ao marido que descansa do expediente do dia. Bom seria se a tanto se restringisse o auditório; mas ali perto, de mãozinha no queixo, que de vezes uma curiosidade de dez anos a escuta, acompanhando, com os olhinhos espertos e a atenção apurada, as peripécias todas do impressionante discurso, sem que disso se aperceba a narradora, na preocupação minuciosa dos detalhes, nem o ouvinte, absorvida por inteiro a atenção no desenvolvimento da peça.

E na almasinha inotada da pequeninha curiosa uma por um vão caindo, perfidamente, gotas de um mau princípio, quase infalível conduto de desastrados fins.³⁸

O excerto acima, embora conciso, é rico em informações relativas às práticas de leitura de mulheres. Geralmente feitas pelas mães de família, servem como puro entretenimento e os romances são recontados oralmente, nas horas vagas, tanto para o marido que volta do trabalho, quanto para a vizinha que por acaso estiver realizando uma visita.

Assim, as mulheres, as consumidoras por excelência de romances, ao mesmo tempo que não precisavam ler mais às escondidas, lêem com sofreguidão, como se não soubessem os limites que a leitura, diga-se, “ponderada”, impõe. Tais leitoras parecem, portanto, desqualificadas e correm o risco de se tornar inoportunas, uma vez que não permitem o descanso do marido no “aconchego do lar”. Se tal análise permite uma construção de uma leitora pouco capaz, ao mesmo tempo revela a disseminação do hábito de ler entre mulheres.

Apesar dos esforços da direção da Revista em ser “séria” e ao mesmo tempo de interesse do mundo feminino, suas leitoras e assinantes não corresponderam plenamente ao que se esperava delas: maior interesse pelos assuntos externos ao lar e à vaidade, como as campanhas femininas, assunto frequentemente abordado em outras seções do periódico, e o acesso ao mundo das letras.

³⁸ Leituras e leitoras. Revista feminina, 1919. In: HELLER, Barbara. Da pena à Prensa. São Paulo: Porto de Idéias, p.80-81.

E foi nesse período machista, quando as mulheres estavam começando a engatinhar para uma maior intelectualidade educacional, e onde enfrentavam preconceito quanto a sua prática de leitura, que a personagem principal deste trabalho surgiu.

Rachel de Queiroz, apesar de todos os obstáculos que o seu sexo enfrentava naquela época, conseguiu se tornar uma exímia leitora que “devorava” desde os clássicos até folhetos socialistas. Por conta disso, de agora em diante é sobre esta grande mulher-escritora/leitora que este trabalho irá se debruçar.

Capítulo 2

Rachel de Queiroz: uma história de leitura

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever.

Heloísa Buarque de Hollanda³⁹

Pode-se afirmar que grandes nomes da Literatura Brasileira, do século XX, são femininos. Quem nunca ouviu falar de Clarice Lispector e o seu livro *A Hora da Estrela*? Ou de Lygia Fagundes Telles e a obra *As Meninas*? Cecília Meireles, Hilda Hilst, com os seus respectivos volumes *Viagem*, e *Cantares de Perda e Predileção*?

Todas essas mulheres encontraram dificuldades para escrever, estudar e ganhar notoriedade, porém, a força de vontade e a colaboração de pessoas próximas, foram fundamentais para que elas conseguissem se estabelecer e ganhar mercado.

O Brasil, no século XX, foi o berço de grandes escritoras. Mulheres que, com suas obras, mudaram a forma secundária como o sexo feminino era visto no campo literário e marcaram para sempre seus nomes na história da Literatura Brasileira.

Dentre elas, Rachel de Queiroz, ocupa um lugar privilegiado. Sendo por muitos considerada a maior escritora brasileira, faz jus a esse título com as diversas premiações recebidas ao longo de sua trajetória. Primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, foi eleita para a Cadeira de nº5, em 4 de agosto de 1977, na sucessão de Cândido Mota Filho e foi recebida em 4 de novembro de 1977 pelo integralista, jornalista, crítico literário, ensaísta e romancista brasileiro Adonias Filho. Sempre afirmou que não entrou na Academia por ser mulher, mas sim por conta dos romances que publicou e dos grandes amigos e admiradores que atuavam naquela Instituição, tanto que a ABL era uma extensão de sua casa. Além de ter inaugurado a primeira Cadeira feminina, foi ganhadora de inúmeros prêmios nacionais e, vale frisar, em 1933, quando tinha apenas 23 anos,

³⁹ HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **As Melhores Crônicas de Raquel de Queiroz**. São Paulo: Global, 2004, p. 13

escreveu um livro que mais tarde recebeu o Prêmio Camões⁴⁰, considerado o Nobel da Literatura portuguesa.

Sua vida foi palco de inúmeros acontecimentos, desde fugas para outros estados brasileiros, até prisões. Grandes biografias já foram escritas sobre ela, como *Rachel de Queiroz* (1977), de Haroldo Bruno e *No Alpendre com Rachel* (2003), de José Luis Lira. Quase todas narram, à maneira jornalística, os vários “altos e baixos” de sua tumultuosa trajetória, com exceção de *Tantos Anos – uma biografia*, escrita por ela e sua irmã caçula Maria Luiza de Queiroz. Com esse livro, Rachel de Queiroz mostra, sem rodeios, como ela sempre quis que sua vida fosse contada: na forma de uma conversa divertida, na qual o leitor pudesse, de fato, visualizar o que ela sentiu ao longo dos diversos momentos de seu percurso.

Como o presente trabalho gira em torno da romancista, sentiu-se uma necessidade de contar um pouco dessa história. Muito de sua inspiração, para não dizer toda, veio de cada momento, de cada acontecimento que marcou, de forma profunda, a sua jornada até o dia 4 de novembro de 2003, quando morreu, vítima de problemas cardíacos, no seu apartamento no Rio de Janeiro, dias antes de completar 93 anos.

Nascida em Fortaleza, em 17 de Novembro de 1910, numa sexta feira, na casa de sua bisavó materna Maria de Macedo Lima, D. Miliquinha, que era prima-irmã de José de Alencar, Rachel de Queiroz sempre se considerou uma mulher feia, ao contrário de sua mãe, Clotilde Franklin de Queiroz, que dizendo ela, era belíssima:

Bem, como eu já disse até em livros, nasci a 17 de novembro de 1910. Mamãe tinha dezoito anos; papai, nascido em 1886, tinha vinte e quatro anos. Era um casal extremamente jovem, um casal muito bonito. Papai depois engordou, perdeu a esbelteza, mas mamãe continuou linda até morrer. Aliás, foi por causa dessa beleza de mamãe – que para mim era um fato tão incontestável quanto o céu ser azul e o sol ser sol – que eu sempre me considerei uma espécie de apêndice feioso dela. Nunca tive rivalidades com mamãe. Eu era feia, a xabouqueira, que tinha puxado o lado dos Queiroz (...). E essa coisa da mamãe ser linda e jovem nunca foi, para mim, um fator negativo. Foi uma coisa que até iluminou muito a minha vida. A beleza de mamãe era um fator de orgulho, de compensação. Nunca me preocupei muito comigo, nunca me esforcei em ser, pelo menos, mais

⁴⁰ O prêmio Camões, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988, é atribuído aos autores que contribuíram para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural da língua portuguesa. Este prêmio é considerado o mais importante prêmio literário destinado a galardoar um autor de língua portuguesa pelo conjunto de sua obra.

bonitinha. Eu me satisfazia só com mamãe ser bonita: a beleza dela era um dado positivo na minha vida.⁴¹

Mas o que lhe faltava no quesito beleza, sobrava-lhe no quesito intelecto. Desde jovem, Rachel de Queiroz demonstrava aptidão com a leitura e a escrita. Muito desse seu gosto foi-lhe incentivado pelos pais. O pai, Daniel de Queiroz, juiz de direito, foi seu mestre de primeiras letras, e de uma forma bastante precoce – aos cinco anos – já lhe iniciava literariamente, lendo páginas de *Ubirajara*, de José de Alencar, seu parente distante. Sua mãe, Clotilde era dona de uma biblioteca riquíssima, e sempre lhe incentivara a leitura:

Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior. Embora na minha época já houvesse mulheres formadas, médicas, juízas, eu era autodidata. Toda a escolaridade que tive foi de junho de 1921 a novembro de 1925. Contudo eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quando papai me orientavam nas leituras. Quando era adolescente, eles liam para eu ouvir, faziam mesmo sessões de leitura; e quando chegavam aos pedaços mais escabrosos, de Eça, por exemplo, discretamente pulavam e disfarçavam. Não queriam me privar da leitura, mas naquele tempo uma moça não podia ler cena de sexo. Não se usava, era um escândalo dos diabos. Isso eles conseguiram manter até eu começar a escrever. Me lembro de que quando escrevi João Miguel foi uma mulher lá em casa dizer a mamãe: “Clotilde, você não acha que João Miguel tem cenas cruas para Rachelzinha ter escrito?” E mamãe: “Pois é, se não fosse ela que tivesse escrito essas cenas eu não deixava que ela lesse...” Mamãe falou de gozação, mas a mulher saiu muito consolada.⁴²

A sua ânsia por leituras está refletida nos seus muito livros publicados sua várias traduções. Entre suas obras, encontram-se: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *A donzela e a moura torta* (1948), *O galo de ouro* (1950), *Lampião*, *A beata Maria do Egito* (2005), *Cem crônicas escolhidas* (1958), *O brasileiro perplexo* (1964), *O caçador de tatu* (1967), *Um Alpendre, uma rede, um açude – cem crônicas escolhidas*, *O homem e o tempo*, *O menino mágico*, infanto-juvenil (1969), *Dora, Doralina* (1975), *As meninas e outras crônicas* (1976), *O jogador de sinuca e mais historinhas* (1980), *Cafute e Pena-de-Prata* (1986), *Memorial de Maria Moura* (1992), *Teatro, teatro* (1995), *Nosso Ceará, relato* (1997), *Tantos Anos* (1998), *Não me Deixes: suas histórias e sua cozinha*, memórias gastronômicas (2000).

Desde cedo, Rachel de Queiroz tinha loucura para frequentar a escola, e ninguém a deixava. Quando o irmão Luciano nasceu (1919), Rachel de Queiroz viu ali a sua

⁴¹ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 15.

⁴² Idem, p. 34-35.

oportunidade, pois um de seus irmãos mais velhos, Roberto (1913), se matriculou na escola pública de D. Maria José, do outro lado da rua, e a mãe, recém saída de um parto, não podia ficar dedicando total atenção à filha pequena. Assim, quando estava com oito anos, a pequena Rachel de Queiroz freqüentou, com a maior alegria do mundo, a sua primeira aula. Logo após essa pequena experiência, foi matriculada no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, onde fez o Curso Normal, diplomando-se em 1925, aos quinze anos de idade, segundo ela mesma, seu único estudo regular.

Por volta de 1925-1926, havia em Fortaleza um jornal chamado *O Ceará*. Eles mantinham um suplemento literário que promoveu a eleição da primeira Rainha dos Estudantes do estado, e nesse período foi eleita Suzana de Alencar Guimarães, que escrevia para o jornal, sob um pseudônimo, um tipo de literatura feminina da época. Rachel de Queiroz então decide tomar uma atitude:

Suzana foi eleita a primeira Rainha dos Estudantes e eu, que estava morando no Junco nesse tempo (tinha dezesseis anos), escrevi uma carta aberta para ela, fazendo brincadeiras, rainha em tempos de república!, enfim, gozações ingênuas, mas gozações. Foi a primeira coisa que escrevi; assinei com o pseudônimo, Rita de Queluz. Mandei a carta para *O Ceará*, em Fortaleza, a pequena Fortaleza daquele tempo, e a tal carta fez um barulho danado. O jornal a publicou, Suzana a mostrava para todo mundo e começou então a maior curiosidade, descobrir quem a escrevera - foi fulano, foi beltrano e, afinal, chegaram perto: "Foi Daniel de Queiroz ou Clotilde". Outros diziam que era um rapaz não se sabia de onde, que assinara com pseudônimo feminino. Mas Jáder Carvalho, poeta e jornalista, que já me conhecia (era ainda nosso parente distante), opinou: "Isso é coisa de Rachelzinha, filha de Daniel. Sei muito quem é, só pode ser ela".

Após este incidente planejado e super repercutido, em 1927, aos dezesseis anos, Rachel de Queiroz recebeu uma carta do diretor do *Ceará*, convidando-a para constar como colaboradora efetiva do jornal.

Três anos depois de escrever sua "Carta" à "Rainha dos Estudantes", quando era professora substituta de História na Escola Normal, Rachel de Queiroz, já jornalista e tendo lançado *O Quinze*, livro que terá maior visibilidade mais adiante, foi eleita Rainha dos Estudantes. José Luis Lira reporta esse momento em seu livro *No Alpendre com Rachel*:

Com a presença do Governador do Estado, Matos Peixoto, ocorria a festa de coroação no sábado, 26 de julho de 1930, quando chegou a notícia do assassinato de João Pessoa, que aconteceu à tardinha daquele dia, mas os telegramas só chegaram à Capital cearense à noite. A "Rainha" Rachel

jogou então a coroa no chão e deixou às pressas o local, com uma única explicação: “sou repórter”.⁴³

Em *O Ceará*, sob o pseudônimo Rita de Queluz, publicou poemas à maneira modernista, cujos ecos do Sul, da Semana de Arte Moderna de 1922, chegavam a Fortaleza. Neste jornal, publicou ainda o folhetim *História de um Nome* – sobre as várias encarnações de *uma tal Rachel* – e organizou a página de leitura.

Rachel de Queiroz permaneceu no Jornal *O Ceará* até dezembro de 1927, quando com Suzana de Alencar Guimarães (a Rainha dos Estudantes eleita em janeiro de 1927 e coroada em 3 de maio daquele ano) e Djacir Menezes, se juntou a Demócrito Rocha (ex-redator-chefe do *O Ceará*) que fundou *O Povo*, em 7 de janeiro de 1928.

Além do jornalismo, envolveu-se também com a política, fato que marcou muito a sua vida. Responsável por suas inúmeras fugas e prisões, sua militância a tornou uma das fundadoras do Movimento de Esquerda no Ceará, chegando ao ápice em 1934, quando, no dia 19 de dezembro, teve sua candidatura a Deputada Estadual lançada, na “Coluna da Hora”, pelo Partido Socialista Brasileiro – PSB, com o apoio dos membros do Partido Comunista, mesmo considerando que a mesma já havia se afastado dele por razões que mais tarde serão expostas.

Quando viajou ao Rio de Janeiro, para receber o Prêmio da Fundação Graça Aranha (1930) por seu livro *O Quinze*, levou uma carta do amigo Hyder Corrêa Lima para Mário Magalhães, simpatizante do Partido Comunista, pedindo que a levasse aos representantes do Partido. Os dirigentes do Rio fizeram de Rachel secretária da Região do Ceará.

Rachel de Queiroz permaneceu no Partido Comunista (Partidão) até 1932, quando uma exigência para que mudasse o livro, a fez sair. Ela conta que a censura ao livro foi apresentada durante uma reunião com líderes do Partido, em um galpão, na zona portuária do Rio.

Ele (o responsável pelo julgamento do texto) tinha nas mãos, num rolo de papel pardo, uma única cópia do livro que eu possuía, mal datilografada por mim mesma, na minha velha Corona. Levantei-me, devagar do meu banco. Cheguei à mesa, estendi a mão e pedi os originais para que pudesse operar as modificações exigidas. O homem, severo, me entregou o rolo. Eu olhei para trás e vi que estava aberta a porta do galpão, a sua única saída. E, em vez de voltar para o banco, cheguei até o meio da sala, virei-me para a mesa e disse em voz alta e calma: “Eu não reconheço nos companheiros

⁴³ LIRA, José Luís. **No Alpendre com Rachel**. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras. Editora Cidadania. 2003, p.47.

condições literárias para opinarem sobre minha obra. Não vou fazer correção nenhuma. E passa bem!”

Voltei-me para a porta e meti o pé na carreira. Na verdade, eu estava morrendo de medo daquele local solitário, daqueles homens mal-encarados. Por sorte minha, no poste junto à calçada, um bonde tinha parado e ia dando partida. Atirei-me aos balaústres, subi no bonde já em movimento e me sentei no banco entre vitoriosa e apavorada. Desse dia em diante, nunca mais tive contato com dirigentes do Partido. No primeiro número do *A Classe Operária* (órgão oficial do Partido Comunista), publicado após esse incidente, dizia-se em letras garrafais que eu fora “expulsa” do Partido por ideologia fascista, trotskista e inimiga do proletariado. Realmente, os do PC não me caluniaram ao me apodarem de trotskista.⁴⁴

Em maio de 1932, Rachel foi registrada na Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco, sob o número 883, onde foi qualificada como “perigosa agitadora” e descrita como “comunista militante, brilhante escritora cearense que aos 19 anos escreveu o livro *O Quinze*”⁴⁵.

Naquele mesmo 1932, Rachel de Queiroz se casou com José Auto da Cruz, ano em que também publicou o novo romance, *João Miguel*, que a fez romper com o Partido Comunista, conforme foi dito anteriormente.

Em 1933, nasceu sua única filha Clotilde. A criança faleceu em 1935, de septicemia⁴⁶. Foi essa a mais dura perda que Rachel teve, ocasionando o fim do seu casamento. Ela diz que com a morte da filha “a minha vida acabou um pouco. Foi um lado de minha vida que ficou completamente mutilado. Só quem perde um filho pode avaliar a perda, o que significa a destruição de uma parte de sua vida. Você consegue ir vivendo porque você fecha aquela parte como quem fecha um oratório, mas sempre que abre... volta tudo”⁴⁷.

Em 1937, lançou o romance *Caminho das Pedras*, que abordou seu período político. Dois anos depois, conquistou o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira, com o romances *As três Marias*, em que percebe-se nitidamente o cotidiano da aluna do Colégio Imaculada. Ela mesma afirma que o livro é muito autobiográfico e as três Marias são: Alba Frota, Odorina Castelo Branco e a própria Rachel de Queiroz; sendo essas duas, ex-colegas de escola.

Retornou ao Rio de Janeiro, onde desde 1939, passou a residir, colaborando com os artigos no *Diário de Notícias*, na revista *O Cruzeiro* e em *O Jornal*.

⁴⁴ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 48-49

⁴⁵ LIRA, José Luís. **No Alpendre com Rachel**. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras. Editora Cidadania. 2003, p.89.

⁴⁶ Infecção geral grave causada por germes patogênicos.

⁴⁷ LIRA, José Luís. **No Alpendre com Rachel**. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras. Editora Cidadania. 2003, p.59.

No Ano seguinte, 1940, conheceu o médico goiano Oyama Macêdo, com quem se casou pouco depois. O casal foi apresentado pelo primo de Rachel de Queiroz , Pedro Nava. Segundo ela, o então padre Hélder Câmara (futuro Dom Hélder, Arcebispo de Recife, cearense e amigo de Rachel desde os tempos de infância) oficializou sua união religiosa com Oyama, embora sendo ela agnóstica. Foi Oyama seu grande amor, como ela mesma diz:

Acho que o casamento é uma instituição muito boa, uma vez que homem e mulher foram feitos para ficarem juntos. No primeiro casamento (com José Auto da Cruz) não fui muito feliz e perdi minha filhinha Clotilde, o que estragou muito meu relacionamento com meu primeiro marido. Depois encontrei Oyama, que amei muito e, embora ele tenha morrido há anos, a presença dele é constante ao meu lado.⁴⁸

Infelizmente, em 1982, morre Oyama, a sua segunda maior perda. Rachel de Queiroz então passa a dedicar-se muito mais a família que tanto amava, principalmente a Maria Luíza de Queiroz (a filha-irmã), aos netos (filhos de Maria Luíza) e bisnetos (netos de Maria Luíza). Segue assim até falecer dormindo em sua rede em 2003.

A vida de Rachel de Queiroz, como é possível perceber, foi repleta de fases: umas mais conturbadas, outras menos. As várias dificuldades e perdas pessoais acabaram contribuindo para a imagem de Rachel de Queiroz como escritora séria, distante de uma escritora melosa, existencial, sentimental que seria característica da “literatura feminina⁴⁹” até então.

Após o ano de 1998, muito do que se pensava ao seu respeito mudou. De escritora séria, passou a ser descrita como irmã e mulher amorosa. Sua discricção, característica que a acompanhou durante toda a vida, sofreu rachaduras após a publicação de um livro, escrito por ela e a irmã Maria Luiza, onde se pode encontrar as suas próprias observações acerca dos acontecimentos. Este livro foi intitulado *Tantos Anos – Uma biografia*.

2.1- *Tantos Anos – Um livro de memórias*

⁴⁸ Idem, p.61.

⁴⁹ Percebe-se que o estereótipo da literatura feminina é utilizado por Schmidt tanto para uma literatura escrita por mulheres como para uma literatura consumida por elas. Além de tudo, este não é o conceito, é resultado do senso comum acerca do que atribuíam-se como feminino na literatura.

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, *Tanto Anos – Uma biografia* foi uma das peças-chave para se compreender quem, de fato, foi Rachel de Queiroz; não apenas no que diz respeito a ordem como tudo aconteceu em sua vida, mas também na construção de sua identidade como escritora, romancista, cronista e jornalista.

O livro surge na forma de um álbum de memórias que precisava vir à tona; como uma última oportunidade de contar os inúmeros detalhes que só ela seria capaz de revelar, e que nenhuma outra biografia já escrita expôs tão eficazmente. Com o falecimento de Rachel de Queiroz cinco anos depois da publicação de *Tantos Anos*, vários, para não dizer todos, estudiosos e pesquisadores das obras “queirozianas” voltaram-se para este detalhado relato e perceberam que ele era a “peça” que faltava para que muitas dúvidas acerca da vida de Rachel fossem dissipadas.

Sangue, suor e lágrimas. Eu poderia repetir a frase de Churchill para descrever o que foi a campanha, a verdadeira guerra que fui obrigada a travar para extrair de minha irmã estes depoimentos, estas lembranças.⁵⁰

Assim inicia-se *Tantos Anos – Uma biografia*, com este pequeno depoimento de Maria Luíza de Queiroz acerca da dificuldade que encontrou quando decidiu idealizar este livro sobre Rachel de Queiroz. Dificuldade que não se ateve apenas ao fato de que esta possuía lembranças que não queria que fossem trazidas a público, mas também ao seu descontentamento quando o assunto era autobiografias.

Para Rachel de Queiroz, em livros de memórias, o autor sempre se coloca abertamente como personagem principal, apresentando ao público a pessoa que ele gostaria de ser e, quer esteja falando bem de si, quer confessando maldades, está em verdade dando largas às pretensões do seu ego – grande figura humana ou grande vilão. Mas grande de qualquer modo⁵¹.

Nos *Cadernos de Literatura Brasileira*⁵² dedicado a Rachel de Queiroz, organizado pelo Instituto Moreira Salles, pode-se encontrar uma justificativa bem plausível quanto ao “fervoroso prazer” de Rachel ao querer “sabotar” a sua biografia:

⁵⁰ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 11.

⁵¹ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 13.

⁵² **Cadernos de Literatura Brasileira** – Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002.

Não é difícil compreender por que Rachel de Queiroz relutou tanto em começar um livro de memórias. Dominada, de um lado pela prosa jornalística, e de outro por uma autocrítica que não lhe permite admirar a própria obra, ela tem enorme dificuldade em trocar a escrita imparcial da terceira pessoa pelo tom emotivo da primeira. Sem a saudável pressão de sua irmã Maria Luíza é certo que Rachel de Queiroz jamais teria se lançado ao delicado exercício da autobiografia – que significa sempre para o ficcionista mostrar-se por inteiro sem a conveniente proteção dos personagens.⁵³

Luiz Costa Lima no seu livro *Sociedade e discurso ficcional*⁵⁴, trata da questão do ego do autor autobiográfico como algo inerente do ser humano, já que raramente o indivíduo se contenta com o que não seja o seu retrato de corpo inteiro, e memórias e autobiografias acabam sendo substitutos dos espelhos. Talvez por conta disso, Rachel não queria que Maria Luíza escrevesse suas memórias, seus relatos, já que a modéstia foi algo que a perseguiu durante toda a sua vida; e não se achava “grande o suficiente⁵⁵” para que escrevessem sobre ela, dessa forma fez à irmã uma proposta:

Vamos fazer um acordo: não vou falar espontaneamente. Você terá que me extorquir as lembranças do passado, as coisas que testemunhei, as pessoas que conheci. Se quiser conto, se não quiser não conto. Prometo apenas não mentir, fugindo ao perfil clássico e invertido de memórias.⁵⁶

Assim, Maria Luíza de Queiroz, toma para si a incrível e exaustiva tarefa de reunir de forma satisfatória a maior quantidade de lembranças que Rachel de Queiroz possuía, e a construção de *Tantos Anos – Uma biografia*, teve início. Vale ressaltar que a idéia de escrever o livro sobre Rachel não surgiu apenas da vontade de Maria Luíza, mas de uma sugestão do escritor Ziraldo, após uma entrevista com a escritora cearense, que a aconselhou:

Maria Luíza, você precisa contar essas histórias! Isso precisa ficar documentado. E tem que ser você, é sua obrigação! E mais não disse porque lhe cortaram a palavra. Foi um choque. E então me bateu um sentimento de culpa. Eu, que conhecia Rachel tão bem, sempre ao seu lado desde a hora em que nasci; eu, testemunha constante de sua vida,

⁵³ Idem, *Ibidem*, p. 57.

⁵⁴ LIMA, Luiz Costa. **Júbilos e Miséria do Pequeno Eu**. In:_____. *Sociedade e discurso ficcional*. RJ: Guanabara, 1986.

⁵⁵ **Cadernos de Literatura Brasileira** – Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002. p. 39.

⁵⁶ Idem, p. 13-14.

estivéssemos nós duas juntas ou separadas – e nunca tentara fazê-la contar, através da sua história, uma face da nossa própria história política.⁵⁷

Do sentimento de culpa deflagrado por Ziraldo, Maria Luíza passou a ser vítima da compulsão de conseguir com que Rachel falasse.

Tantos anos é, portanto, um trabalho composto de trechos ditados ou escritos por Rachel de Queiroz, e de várias intervenções da irmã “culpada”: recordações de ocasiões, fatos e sentimentos a que ela não aludiu, passados no tempo em que estava ausente, ou até situações meio secretas (ou esquecidas?) de que Rachel não falaria.

O texto revela, logo após a leitura do primeiro capítulo, a impressão de pertencer a duas meninas descobrindo o mundo, como afirma José Nêumanne⁵⁸, e é nisso que difere muito dos outros livros de memórias. Rachel narra episódios, para Maria Luíza, completamente novos, por conta da sua pouca idade na época dos acontecimentos. Ao leitor atual, fica a impressão que ao rememorar e trazer à tona suas lembranças, Rachel sente-se voltando no tempo, revivendo todas as experiências e emoções de sua longa trajetória. Normalmente, as autobiografias são reconstituições do curso de uma escavação arqueológica: colecionam lembranças de experiências vividas; ou como diz Sylvia Molloy: são representações.

A autobiografia é sempre uma representação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere, por si mesma, uma construção narrativa. A vida é sempre, necessariamente, uma história; história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa. A autobiografia não depende de acontecimentos, mas da articulação destes eventos armazenados na memória e reproduzidos através de rememoração e verbalização. Meu nome, mais do que me nomear, me lembra o meu nome. A linguagem é a única maneira de que disponho para “ver” minha existência. Em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando⁵⁹.

A perspectiva comum nessa categoria de textos é a de quem viveu intensamente e olha para trás, recolhendo imagens que não se perderam e assim remanesçam. Este, não. Este é um texto que desafia descobertas, escrito por adolescentes deslumbradas com as coisas da vida, que vão se revelando à sua frente.

⁵⁷ Idem, *Ibidem*. p.11-12.

⁵⁸ Notas de José Nêumanne, presente na capa do Livro *Tantos Anos*.

⁵⁹ MOLLOY, Sylvia. Introdução. In: _____. **Vale o escrito**: a escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó, Argos, 2003, p.19.

Péssima coisa é isso de ser a caçula, a pequeninha, a ‘rapa de tacho’, como vocês diziam. Você, Rachel (ou melhor, minha Teté, como sempre lhe chamei, e sei que é ridículo, na nossa idade, mas é assim), você teve sempre os começos, a fase áurea, a melhor parte das coisas para lembrar e contar. De quase tudo eu só sei o final, a velhice, as sombras do que foi, outrora. A Califórnia, por exemplo: conheci a fazenda já no período de plena decadência, andei muito por lá, e procurava, de certa maneira, reviver ou me encaixar naquela Califórnia de que tanto se falava.⁶⁰

Aurélio Buarque de Holanda chegou ao Rio de Janeiro também nesse tempo. Antes, em Alagoas, já tinha nome literário. Mas no Rio teve que se fazer aos poucos como professor de português. Era o nosso ‘corregedor’, severo e solícito. Zé Lins e eu, por exemplo, jamais publicamos um romance, nessa época, sem chamarmos Aurélio para fazer a leitura dele, em dia ou noite especial. Lia em voz alta, corrigindo as nossas mais excessivas liberdades com a língua. Tínhamos às vezes brigas enormes, discutindo expressões ou frases que nos pareciam indispensáveis, mas que, ao ouvido exigente de Aurélio, eram inadmissíveis.⁶¹

A forma como as duas irmãs constroem a narrativa pode ser considerada a razão pela qual a autobiografia está atraindo cada vez mais a atenção dos estudiosos em diversas áreas. Antes ocupando um lugar modesto e marginal no conjunto da obra de escritores, filósofos, artistas e cientistas, passou nas últimas décadas, a texto – chave para a avaliação dessa mesma obra ou documento inestimável de uma época. Para a literatura, o gênero autobiográfico levanta instigantes questões sobre as negociações entre ficção e realidade, identidade narrador – autor e em torno do pacto que busca estabelecer com o leitor.

Philippe Lejeune, em seu livro *O pacto autobiográfico*⁶², define a autobiografia como texto literário marcado por ser um relato primordialmente em prosa e por tratar da vida individual, constituindo-se na história de uma personalidade, na qual autor, narrador e personagem mantêm uma relação de identidade, estando ligados por meio de um pacto. Tal narrativa caracteriza-se pela autenticidade, evidenciada pela assinatura, pelo nome próprio. Distingue-se da biografia, já que nesta, o modelo não precisa ser conhecido pelo narrador, sendo um gênero literário que possibilita o fechamento do texto em si próprio.

⁶⁰ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 191.

⁶¹ Idem, p. 216-217.

⁶² LEJENE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. In: _____. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

O conceito de "pacto autobiográfico" foi a solução encontrada para explicar o problema de estabelecer fronteiras entre os modos discursivos fictícios e os modos discursivos factuais. O pacto autobiográfico pressupõe um compromisso duplo do autor com o leitor: por um lado, ele se refere à referencialidade externa do que o texto enuncia, quer dizer que o que se narra se apresenta como realmente acontecido e comprovável. Por outro lado o autor deve convencer o leitor de que quem diz "eu" no texto é a mesma pessoa que assina na capa e que se responsabiliza pelo que narra. Quem escreve se compromete a ser sincero e quem lê passa a buscar revelações que possam ser confirmadas extratextualmente.

O pacto autobiográfico em *Tantos Anos* se dá desde os primeiros capítulos, quando as irmãs iniciam um diálogo, que permanece até o final do livro. Percebe-se, sem dúvida alguma, a fala de Rachel de Queiroz, já que só a própria poderia contar de forma tão detalhada todas as peculiaridades da Revolução de 30, da vida entre cadeias e viagens de fuga, das "idas e vindas" ao Nordeste e ao Sudeste, da amizade com grandes nomes da literatura, da arte e da política. Outro ponto que vale ressaltar é o comprometimento da mesma em sempre contar a verdade, pois só assim, segundo ela, as suas memórias serão diferentes das de outros autores já publicados.

Tenho a impressão de que a vida pessoal de Mário (de Andrade) era muito vazia. Talvez porque ele não ousasse assumir o seu sufocado homossexualismo. Tinha umas irmãs solteironas com quem vivia. E assim, a todo jovem que o procurava, ele correspondia amigavelmente. A mim, por exemplo, dava as maiores espinhações porque eu não respondia às suas cartas. Logo eu, que nunca escrevo para ninguém. E ele dizia: "Nunca mais te escrevo porque tu não respondes". Brincava comigo, me fazia um carinho – era muito carinhoso comigo, numa base fraterna, de que me orgulhava.⁶³

Raul Fernandes era uma lenda viva, uma dessa pessoas que não existem mais, uma 'reserva moral', como se usa dizer. Um homem extraordinariamente inteligente e brilhante. Como chanceler, nos chamou no seu gabinete e declarou: "Olha, eu vou arranjar uma comissão para Oyama ou para você, que lhes permita irem à Europa". Era então o governo do general Dutra e eu falei: "Dr. Raul, comissão deste governo?...". Ele disse uma brincadeira: "Deixe de ser carbonária!", E eu: "Não, é sério, o senhor sabe que sempre combati o general Dutra."⁶⁴

Outra curiosidade da narrativa é que Rachel de Queiroz, ao contar suas memórias, não se prendeu a uma cronologia. Os acontecimentos vão surgindo em sua mente e ela os

⁶³ Idem, p. 129.

⁶⁴ Idem, p.164.

vai relatando. Inúmeras vezes Maria Luíza lhe indaga sobre fatos que não lembra como realmente aconteceram, e Rachel de Queiroz prontamente começa a narrar o acontecido. Dessa forma, tem-se a clara impressão de se estar presenciando um diálogo entre duas velhas amigas que relembram, de forma involuntária, momentos inesquecíveis de suas vidas.

Quando nasci, meu avô já tinha morrido havia muito tempo. Mas não adiantava. Em outra vez, ele vinha: “Você se lembra daquela frase do seu avô?”. Mas continue a história sobre Tio Benévolo, que também não conheci. Aliás, tem horas em que a nossa conversa me parece um desfile de fantasmas.

Bom, tio Benévolo: um dia nós estávamos brincando por lá, em casa dele. E decerto ele ouviu as nossas vozes e me chamou. Estava deitado, muito pálido, com aquelas mãos amarelas em cima do lençol; uns óculos de aro fino, de ouro, e a cara que me fazia medo.⁶⁵

Assim também acontece com os lugares onde cresceram e que vão ganhando vida ao decorrer da narrativa. Locais como: o sítio *Pici*, as fazenda *Junco*, *Califórnia*, *Arizona* e *Não Me Deixes*; tomam vida, certas vezes, por conta da forma como são descritas. Vale lembrar que os pais de Rachel de Queiroz e Maria Luíza eram fazendeiros, e que sempre viveram em áreas rurais (salvo raríssimas exceções, quando moraram em Fortaleza, onde nasceu, Rio de Janeiro, e Belém em decorrência da política). Por conta da paixão que tinham por campos, açudes e a quietude que só a natureza poderia dar-lhes. Assim também cresceram os filhos, que apesar da vida nas grandes cidades, sempre voltavam às suas origens quando queriam encontrar paz e sossego.

Rachel de Queiroz e Maria Luíza sempre tratam das fazendas como parte da família. Cada uma possuía um personagem característico que as tornava únicas. Todos eram felizes quando lá moravam, tudo era mais cheio de vida, todos eram saudáveis e jovens. Estes lugares eram permeados de sonhos, e as irmãs os tornaram parte do livro que compuseram juntas. Eram espaços indispensáveis para a vida de Rachel de Queiroz, e muito da narrativa gira em tornos das lembranças que esses ambientes trazem a tona.

Tinha açude, pomar, baixio de cana, num vale fresco e ventilado, para os lados da lagoa de Parangaba. Só que nesse tempo se dizia Porangaba, tal como fala José de Alencar em *Iracema*.

⁶⁵ Idem, p.180.

E começou então, para nós, um período muito feliz. Nós éramos seis filho – dois rapazes (um deles, nosso tio, mais irmão do que tio), dois meninos e a caçula, que começava a engatinhar. E eu.⁶⁶

O velho Miguel Francisco de Queiroz, fundador da fazenda Califórnia, o tio Miguel de papai, começou a situar a fazenda sob a invocação e são Francisco.

Nesse tempo, meados do século passado, eram descobertas as famosas minas da Califórnia, nos Estados Unidos, muito faladas nos jornais, cujas riquezas espantavam o mundo. Então o coronel Dadá mandou um recado para o velho Miguel: “Como vai o seu Miguel com a sua Califórnia?” E tio Miguel respondeu: “Diga ao Dadá que muito obrigado. Eu estava precisando de um nome para a fazenda e agora já tenho: São Francisco da Califórnia”.⁶⁷

Às vezes me perguntam o porquê dessa nossa quase obsessiva preocupação com açudes: açude encheu, açude está seco, açude sangrou. Mas é isso mesmo: no nordeste, o açude é o núcleo, o coração da fazenda. Fazenda sem açude é um casco morto, sem gado, sem moradores, em plantio. O açude é o símbolo da riqueza do fazendeiro – ou sua ruína.

O velho açude do Junco, por exemplo. Mas antes devo dizer o que é – ou o que foi – o Junco. Neste mundo tão grande nunca houve pedaço de terra que tenha sido mais preso ao meu coração do que aquele trecho bravio do município de Quixadá, a cento e oitenta quilômetros do oceano Atlântico. E engraçado é que não nasci lá. Contudo, decerto, andava por lá antes de nascer (já contei essas coisas de outras vezes, mas afinal, só tenho uma história).⁶⁸

No Arizona havia um quarto grande, pegado ao de mamãe, onde me instalei depois que papai e Luciano morreram... E jamais encontrei lugar onde me sentisse tão bem como naquele quarto, de telha-vã e chão de cimento. E não se pode falar que não era o quarto, era a vida, era a mocidade.⁶⁹

...sempre que se falava em partilha, posterior à morte de papai, eu dizia: “Eu já tenho a minha parte: o Não Me Deixes”. E todo mundo zombava de mim, porque o Não Me Deixes era um buraco no meio do mato, longe da estação do trem, não tinha casa, não tinha nada.

Quando mamãe morreu e fomos separar as fazendas, eu pedi o Não Me Deixes, tranquilamente, fosse embora a mais abandonada, a mais desprotegida.

...Lá, realmente, é o meu lugar. Cada volta minha é um regresso. E sinto que lá é o meu permanente. O Rio (de janeiro) é provisório.⁷⁰

Durante todo o livro *Tantos Anos*, nota-se um prazer desmedido de Rachel de Queiroz ao narrar momentos de sua vida. A cada capítulo (51 no total) percebe-se uma vontade ainda maior da escritora em contar tudo o que se lembra com riqueza de detalhes.

⁶⁶ Idem, p. 87.

⁶⁷ Idem, p.189-190.

⁶⁸ Idem, p.195.

⁶⁹ Idem, p.219.

⁷⁰ Idem, p.243-244.

O leitor emociona-se diante de tantos acontecimentos íntimos e surpreendentes da jornada das duas irmãs.

2.2- Rachel de Queiroz e suas leituras

Após a leitura de *Tantos Anos – Uma biografia*, comprova-se o fato de que, sem dúvida, Rachel de Queiroz era uma exímia leitora. Não apenas uma “simples” leitora, mas sim, uma verdadeira “devoradora” de livros, revistas, enciclopédias, e qualquer outro meio de informação impressa.

Em todas as casas que morou, no Rio de Janeiro ou no sertão, as paredes que não abrigavam quadros eram cobertas por estantes de livros. Livros nacionais, portugueses, franceses, ingleses, antigos e novos, obras dos amigos escritores, compondo uma certa miscelânea.

O Instituto Moreira Salles, localizado no Rio de Janeiro, recebeu em maio de 2006 o acervo completo da escritora, doado por sua família. Este, é composto por cerca de 5 mil itens, entre livros, periódicos, recortes de jornais, manuscritos, correspondências, fotografias e demais documentos⁷¹.

Vale frisar, entretanto, que tanto nos artigos publicados por Rachel de Queiroz, quanto nas biografias escritas sobre ela, além das entrevistas concedidas ao longo de sua vida, é possível identificar seu gosto literário e algumas obras que marcaram sua infância e as diversas fases da sua trajetória.

⁷¹ Durante o desenvolvimento desta dissertação, este material estava em fase de catalogação, impossibilitando, assim, o acesso dos pesquisadores externos, porém, em 17 de novembro de 2010, uma mostra sobre vida e obra de Rachel de Queiroz foi aberta a fim de expor ao público estes documentos. A partir de então, todos estes 5 mil itens foram trazidos para o conhecimento de pesquisadores.

Lilian de Lacerda,⁷² buscou identificar o que liam as mulheres brasileiras no final do século XIX e no início do século XX, recuperando assim, uma história pouco explorada, mas de uma contribuição extraordinária.

Tendo como base a forma como Lilian de Lacerda teceu o seu quadro de leitoras e suas respectivas leituras; pesquisando em diversas fontes, inclusive em biografias e livros de memórias é que este trabalho foi organizado. Ao recuperar o material presente sobre Rachel de Queiroz, principalmente em *Tantos Anos- Uma biografia*, observou-se como as leituras desta grande escritora vão tomando forma, como um quebra cabeça que vai se montando, bem na frente de quem as lê.

2.2.1 – O que lia Rachel de Queiroz?

Como já foi referido anteriormente, a leitura fez parte do cotidiano desta romancista cearense, fato que, para muitos, acabou sendo fundamental na sua formação como escritora, jornalista e cronista. Se “somos o que lemos”, então a filha dos Queiroz era grande.

Após reunir vários dados sobre a sua vida, desde o seu nascimento até as suas últimas crônicas, nota-se que ela não era uma artista como as outras, pois marcou seu caráter excepcional desde pequena. O quê para muitos só seria possível depois dos trinta anos, para ela, com dezenove, já estava feito⁷³.

A culpa, pode-se assim dizer, veio do berço. Rachel de Queiroz não nasceu em uma casa “comum”. Seus pais eram intelectuais que desde cedo cobraram dela boas leituras e nunca impuseram limites para a sua produção literária ou idéias políticas. Ela sempre foi livre para expor o que quisesse desde que debatesse e provasse que o que dizia tinha fundamento.

Papai nunca foi comunista, mas nunca me impediu de fazer as reuniões políticas do Partido em casa. Achavam as minhas peripécias até engraçadas. Minha família era uma velha família de revolucionários. Dona Bárbara de Alencar, minha quinta avó, chefiou a revolução da campanha. Seu filho, o Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, foi presidente da

⁷² LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura – Memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

⁷³ Referência ao livro **O quinze**, publicado quando Rachel tinha quase vinte anos.

República da Confederação do Equador no Ceará. Meu envolvimento político revolucionário era então normal.⁷⁴

Com a sua forma de escrever, foi conquistando inúmeros amigos literatos, que ainda hoje só lhe fazem elogios. O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, que trabalhou com Rachel de Queiroz no extinto jornal *Correio da Manhã*, é um de seus inúmeros admiradores:

Sempre admirei nela a mulher corajosa em seus pontos de vista, capaz de atitudes que quase nunca agradam aos modismos da sua vida intelectual. Nordestina obstinada, dela sempre se pode esperar a firmeza de suas convicções e a ternura de sua generosidade. No movediço terreno onde flutuam os monstros sagrados, Rachel é uma referência e, ao mesmo tempo, uma grande companheira⁷⁵.

A pergunta que fica quando se fala sobre Rachel de Queiroz, seria: como surgiu essa “mulher corajosa em seus pontos de vista” já que isso não era considerada uma atitude comum vindo de alguém do sexo feminino na primeira metade do século XX?

Em uma entrevista concedida ao Instituto Moreira Salles, para a elaboração de um Caderno em sua homenagem, Rachel de Queiroz vai aos poucos deixando claras as razões para a sua forte personalidade:

Eu nasci numa casa de intelectuais, onde todo mundo lia muito. E por isso, naturalmente, eu comecei a ler também. Sempre conto o que se passou um dia, quando eu tinha 12 anos e estudava num colégio de freiras. Eu estava lendo em francês um desses livrinhos de moça, que contava a história de uma jovem que vê dois namorados se beijando e fica com aquele homem na cabeça; minha mãe se aproximou e disse: “Minha filha, não fique lendo esses livros que só falam de sexo. Venha cá que vou lhe dar coisa melhor”. E me botou na mão *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz. Foi assim que teve início de fato, minha educação literária.⁷⁶

Na minha casa, como eu disse só se lia coisa boa, de modo que eu não ousaria escrever bobagem – sentimentalismos, essas coisas – porque sabia que teria a censura severa de meus familiares todos.⁷⁷

Sim, sim. Em casa todo mundo lia e opinava; eu não era uma exceção que por acaso tinha brotado do jardim.⁷⁸

⁷⁴ **Cadernos de Literatura Brasileira** – Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002. p. 109

⁷⁵ Idem, p.16.

⁷⁶ Idem, p.22.

⁷⁷ Idem, p.22.

⁷⁸ Idem, p.22.

Como eu disse, nasci numa casa excepcional. As pessoas, se não quisessem, não tinham religião e todos liam muito. Eu me criei num ambiente especial, de maneira que quando eu fui trabalhar em jornal, ninguém achou nada demais. Foi, portanto, para mim, um processo natural.⁷⁹

Que Rachel lia e que gostava de ler, é evidente, porém, o que este trabalho se propõe a revelar é: O que ela lia de verdade? Quais foram as suas leituras favoritas? Infelizmente, dificilmente se chegará a relação completa de todos os textos lidos por ela, pois este quadro se compõe por variadas vias, como as memórias, os artigos e as entrevistas que vão descobrindo os caminhos percorridos.

Maria Luíza de Queiroz, no capítulo intitulado “Livros” descreve:

Rachel é uma das pessoas mais bem-informadas e mais sabidas que conheço. Com ela por perto não se precisa consultar enciclopédias nem ler fofocas de revistas. Quem foi o soberano inglês decapitado no século tal? Ela sabe. Sabe quem foi o pai, a mãe, a amante, se ele era bonito ou feio e todas as consequências dos seus maus hábitos. Quem foi o jornalista que escreveu tal coisa sobre fulano, há quarenta anos? Ela também sabe. Como é que se constrói uma casa ou se faz uma fritada de siri? Ela já construiu casas e faz uma divina fritada de siri. Mas pergunte como é o nome do remédio que está tomando agora, para a dor, ou o diabetes, ou qualquer outro mal. Ela não sabe. Diz só que é um comprimidinho azul, verde ou cor-de-rosa.⁸⁰

Neste mesmo capítulo, a irmã coruja informa ao leitor pistas das leituras que Rachel de Queiroz apreciava. Só pela citação acima já se sabe que ela deveria ler, além dos livros de história, engenharia e arquitetura, os de receitas e até artigos relacionados com fofocas. Por que não?

Ainda neste mesmo capítulo, Maria Luíza revela mais um pouco desse “universo literário” que Rachel de Queiroz adorava:

Rachel tinha de tudo. E mais os clássicos - literatura, história, arte, biografias (uma das suas leituras prediletas, desde as cabeças coroadas da Europa às estrelas de cinema). Entretanto, o que ocupa mais espaço, literalmente metros e metros, às vezes em fila dupla, são os pocket-books policiais. De Agatha Christie aos mais sofisticados, Dashiell Hammet, Raymond Chandler, Ngaio Marsh, Rex Stout (uma paixão), Mick Spillane (não gosta muito), John Le Carré, de franceses apenas Simenon, e uns

⁷⁹ Idem, p.32.

⁸⁰ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 238.

outros. Além desses, os mais modernos, Patricia Highsmith, Josephine Tey e tantos e tantos mais. Há também os do segundo time, que ocupavam a fila de trás nas prateleiras. E ela os conserva todos, não se desfaz de nenhum. (Uma vez estava eu procurando um livro no alto da estante do corredor, no seu apartamento, quando a prateleira despendeu-se e, com todo aquele peso, quase me matou).

Os amigos que viajam sempre lhe trazem pocket-books – o melhor presente. Isso já desde muito tempo: uma das suas fornecedoras de romances policiais foi Elizabeth Bishop, a grande poeta americana. Elizabeth, também aficionada ao gênero, lia os livros e os que mais amava passava para Rachel, sempre como aval de qualidade, assinando na primeira página. Lota (de Macedo Soares) também era outra abastecedora. E nosso muito querido saudosíssimo Odilo Costa Filho. Mas Odilo não se limitava aos policiais, era absolutamente eclético (e lúdico): novos clássicos ou novas edições com belas capas coloridas de Virginia Woolf, Joyce, Thomas Mann, tudo ele trazia, emprestava e fazia questão de que lêssemos. Para depois comentar. Fora essas fontes, Rachel ainda frequentava os sebos, onde comprava os livrinhos por quilo. Levava-os em caixotes para o Não Me Deixes, tendo assim leitura assegurada para as grandes temporadas que passava no sertão, quando Oyama era vivo. Bons ou ruins, lia-os todos, alternando com os gêneros sérios: política, guerra (sobre nazismo e a Segunda Grande Guerra, creio que leu tudo o que já se escreveu a respeito), história, sociologia e literatura, é claro.

Além disso tudo, lê quatro jornais por dia. (Diz ela que com os problemas da vista agora só lê dois).⁸¹

Tendo como base a citação acima, pode-se entender um pouco dessa paixão de Rachel de Queiroz. Observa-se que quase todos os autores citados são mestres em romances policiais⁸². O gênero estava em alta no século vinte, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, e os enredos sempre giravam em torno de um herói (um detetive) que se saía vencedor no final. A solução do mistério estava evidente desde o início, para que a releitura da obra pudesse mostrar ao leitor o quanto ele foi desatento. As pistas estavam todas no livro, de forma a surpreender quem o lesse no momento da revelação da identidade secreta do assassino. Tudo isso combinado dava um toque único nas obras e acabava por fascinar quem as comprava.

Na citação, Maria Luíza menciona grandes nomes: a escritora inglesa Agatha Christie, considerada a dama do mistério, com mais de 80 obras escritas e traduzidas pelo mundo inteiro, considerada um dos maiores ícones quando o assunto é romance policial, imortalizou dois grandes personagens: Miss Marple e Hercule Poirot.

⁸¹ Idem, p. 237-238.

⁸² Por conta da grande quantidade de autores de romances policiais citados nas memórias de leitora de Rachel de Queiroz, foi impossível resistir a uma pesquisa sobre esses autores.

Dashiell Hammet (EUA), com o seu detetive Sam Spade, também é um grande nome do gênero. Com seis obras escritas e produzidas para o cinema. Raymond Chandler (EUA) segue o mesmo estilo, como 36 obras publicadas e 20 contos policiais. Seu herói/detetive era Philip Marlowe.

Ngaio Marsh é outro ícone feminino neste universo comandando pelo masculino. Ela é neo zelandesa e possui 32 romances publicados. Não gostava de ter um personagem detetive único, que se fizesse presente em todas as obras, mas era adepta de alguém comum, normal, que por possuir um senso de curiosidade mais aguçado, acabava de tornando o herói de determinada estória.

Não é de se estranhar que Rex Stout (EUA) tenha se tornado uma “paixão” de Rachel de Queiroz. Com o seu detetive Nero Wolfe, ele conquistou uma fama impressionante. Com 70 obras publicadas, o seu diferencial com certeza era o detetive. Nero Wolfe possuía características incompatíveis com a sua patente de herói. Excêntrico e obeso era grande apreciador de cerveja e de bons pratos, além de arrancar risadas dos leitores em determinados momentos da estória. Assim como Sherlock Holmes, ele possuía um companheiro na solução de casos: Archie Goodwin.

Vale ressaltar, na citação de Maria Luíza, quando descreve que Rachel de Queiroz “não gostava muito” de Mick Spillane, um escritor americano. O ponto é que Mickey (seu verdadeiro nome) foi considerado um mestre do gênero na época, com mais de 225 milhões de cópias vendidas. Seu detetive Mike Hammer era conhecido pelo mundo inteiro, se fazendo presente nas 14 obras escritas por Spillane. Por que Rachel de Queiroz não era fã dele quando várias pessoas o eram?

Outro grande autor, citado por Maria Luíza é John Le Carré. Este autor britânico, com 21 obras publicadas era um “expert” em livros de espionagem com enredos sobre a guerra fria. Ao contrário dos outros, este não possuía um detetive como personagem principal, e sim um agente de verdade: George Smiley. Rachel de Queiroz sempre foi engajada na política. Os seus conhecimentos não se restringiam apenas a política interna. Ela sempre estava informada com o que acontecia no mundo: guerras, conflitos, revoluções, etc. Por conta disso que ela gostava tanto de John Le Carré e as suas obras.

Dos autores franceses, o único que Maria Luíza cita é Georges Simenon. Acredita-se que para que ela se lembrasse do nome, era porque Rachel o lia mais que qualquer outro, ou possuía mais livros seus do que de qualquer outro autor francês. Georges, com o seu “Comissário Maigret”, escreveu mais de 75 obras e 28 contos.

As outras duas autoras citadas foram famosas por seus *thrillers* criminais psicológicos. Patricia Highsmith (EUA) “mexeu” bastante com a mente dos leitores com as suas 21 obras tensas e cheias de suspense. A escocesa Elizabeth Mackintosh se valia de seu pseudônimo “Josephine Tey” para escrever os seus 8 romances de mistérios e conquistar inúmeros fãs pelo mundo a fora.

De uma forma geral, Rachel de Queiroz era dona de uma biblioteca ímpar. Assim como Maria Luíza cita, ela “lia de tudo”, e os seus vários amigos contribuía para a sua personalidade eclética. Se todos lhe traziam *pocket-books* (livros de bolso) era porque além de lembrarem sempre dela, gostavam dos debates sobre as obras escolhidas, como Odilo Costa Filho que sempre lhe trazia esses livros.

Quem conhece um pouco da sua história, não vai estranhar o fato do mesmo gostar de Virginia Woolf, Joyce e Thomas Mann. Odilo era um intelectual, além de ter sido jornalista, cronista, novelista e poeta. Chegou a ser secretário de imprensa do presidente Café Filho e suplente no Senado Federal de José Sarney. Se ele se importava com as opiniões de Rachel de Queiroz sobre os livros que trazia para ela, era porque a via como “uma igual”, uma intelectual de grande porte.

No Caderno de Literatura produzido pelo Instituto Moreira Salles, o crítico literário e historiador Wilson Martins cita os seus trabalhos de tradução:

Os seus trabalhos de tradução devem tê-la familiarizado com processos narrativos de alta qualidade, diferentes dos seus: Dostoiévski, Cronin, Samuel Butler, Tolstoi, John Galsworthy, Santa Teresa, Elizabeth Gaskell, Emily Bronte. Não devemos minimizar o que a intimidade com essas obras terá concorrido para novas perspectivas em sua própria arte de romancistas: afinal de contas, a tradução é uma reescrita.

Quanto aos nacionais, é natural que tenha tido contato com os nomes mais prestigiosos dos contemporâneos: Lins do Rego, Graciliano, Manuel Bandeira e Machado, “claro”. Nada que saia dos lugares-comuns e das enumerações convencionais. E Oswald de Andrade? Ela falava antes da sacralização promovida pelos oswaldianos renascidos: O Oswald de Andrade só escreve para brasileiros. Só os brasileiros podem compreender o Oswald. É engraçado, ele pensava ser universal, mas na verdade é um escritor estritamente nacional.⁸³

⁸³ **Cadernos de Literatura Brasileira** – Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002. p. 85

No total, Rachel de Queiroz traduziu 45 obras de diversos escritores, e estas acabaram se tornando um marco de sua formação intelectual por conta da sua capacidade de trazer para o português obras de extrema profundidade e peso.

As traduções foram realizadas entre os anos 40 com: *A família Brodie*, de Archibald Joseph Cronin; *Eu soube amar*, de Edith Wharton; *Mansfield Park*, de Jane Austen; *Destino da Carne*, de Samuel Butler; *Náufragos*, de Eurich Maria Remarque; *Tempestade d'alma*, de Phyllis Bottone; *O roteiro das gaivotas*, de Daphne Du Maurier; A crônica dos Forsyte- 3 volumes, de John Galsworthy; *Helena Wilfuier*, de Vicki Baum; *Humilhados e Ofendidos*, de Fiodor Dostoievski; *Stella Dallas*, de Olive Prouty; *A promessa*, de Pearl Buck; *Cranford*, de Elisabeth Gaskell; *O morro dos ventos uivantes*, de Archibald Joseph Cronin; *Os dois amores de Grey Manning*, de Forrest Rosaire; *A conquista da torre misteriosa*, de Germaine Verdat; *A exilada: retrato de uma mãe americana*, de Pearl Buck; *Memórias de Alexandre Dumas*, pai de Alexandre Dumas; *Vida de Santa Teresa de Jesus*, de Santa Teresa de Jesus, *Mulher imortal* (biografia de Jessie Benton Fremont, de Irwin Stone; *Memórias*, de Leon Tostói; entre os anos 50 com: *A afilhada do Imperador*, de Jean Rosmer; *A deusa da tribo*, de Suzanne Saily; *A predileta*, de Raphaelle Willems; *Os demônios*, de Fiodor Dostoievski; *Os Irmãos Karamazov*- 3 volumes, de Fiodor Dostoievski; *Os deuses riem*, de Archibald Joseph Cronin entre os anos 60 com: *Os carolinós: crônica de Carlos XII*, de Verner Von Heidenstam; *O deserto do amor*, de François Mauriac; *Minha vida*- capítulos 1 e 2, de Charles Chaplin; e entre os anos 70 com: *Idade da fé*, de Anne Fremantle ; *A mulher diabólica*, de Agatha Christie; *O romance da múmia*, de Théophile Gautier; *O lobo do mar*, de Jack London; *Miguel Strogoff*, de Julio Verne⁸⁴.

Reunir todas as obras lidas por Rachel de Queiroz seria um trabalho quase impossível, tendo em vista que o cardápio de leitura era abrangente e abarcava um gosto variado. Ela caminhava entre clássicos e contemporâneos, arcaicos e populares, densos e não tão densos. Sem dúvida alguma, a irmã mais velha de Maria Luiza era uma “devoradora de livros”.

Dentre todas as obras já lidas por ela, três merecem destaque por fazerem parte de uma coleção que marcou profundamente a primeira metade do século XX no Brasil, e por conta da imensa popularidade desta coleção, o presente trabalho dedicou um capítulo específico a ela.

⁸⁴ Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002. p. 95

Em *Tantos Anos*, no capítulo intitulado “Extremas”, Rachel de Queiroz conta:

Eu adorava deitar na rede e ler os livros que trazia. De vez em quando eu pegava algum do baú e passava horas em meio aquele silêncio. Chegava a ler um romance por dia, daqueles não tão longos e ditos como bobos, como *Freirinha*, *Mitsi* e *Corações Inimigos*. Os lia sem querer, e quando terminava, nem me dava conta que já os havia acabado e que a luz do lampião era a minha única companhia.⁸⁵

Tanto *Freirinha*, quanto *Mitsi* e *Corações Inimigos* fizeram parte de uma “febre editorial” chamada *Biblioteca Rosa*, conhecida posteriormente por *Biblioteca das Moças*, por conta do público que atingia.

Nos *Cadernos de Literatura Brasileira*, Wilson Martins ressalta que a mãe de Rachel de Queiroz sempre a desaconselhou a não ler estes livros na sua juventude: “Além das leituras socialistas da juventude e depois que a mãe desaconselhou-lhe a leitura da *Biblioteca Rosa*, livros que só tratavam de sexo. Era melhor ler *A cidade e as serras*. Na vida adulta, é Joyce o seu autor estrangeiro predileto.”⁸⁶

Mesmo sabendo que essas leituras não eram do gosto de sua mãe, Rachel de Queiroz as leu. Por curiosidade talvez, já que dois dentre os três títulos citados por Rachel de Queiroz (*Mitsi* e *Freirinha*) foram os mais vendidos na época do lançamento, ficando no topo do *ranking* por vários meses. O que vale é que esses volumes devem ter marcado a autora, já que os cita em suas memórias. O próximo capítulo explicará melhor o que foi esta coleção, e a razão de sua popularidade. A *Biblioteca Rosa* conquistou o Brasil inteiro, e a prova maior é que até um ícone feminino, como Rachel de Queiroz foi sua fã.

⁸⁵ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. **Tantos Anos** – Uma biografia. São Paulo: Arx, 2004, p. 241.

⁸⁶ **Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4,2ª ed. Janeiro de 2002. p. 84.

Capítulo 3

Coleção Biblioteca das Moças – um fenômeno editorial

[...] eu lia também os romances da Biblioteca de minha filha, que haviam distraído a adolescência de minha mãe [...]. Tinha direito aos volumes da Coleção Stella: Delly, Guy de Chantepleure. Mas, seus virtuosos idílios não me divertiam muito. Julgava as heroínas tolas e insossos os namorados delas.

Simone de Beauvoir⁸⁷

No Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960, uma coleção de romances constituiu-se em um tipo de leitura muito popular, consumida, principalmente, por mulheres jovens. Esses romances, em geral ambientados na França, foram traduzidos e editados pela Companhia Editora Nacional⁸⁸ (SP) e colocados à venda em todo o país, com ampla

⁸⁷ BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p.90.

⁸⁸ Fundada em 1925 pelo escritor Monteiro Lobato e seu sócio Octalles Marcondes Ferreira, a Companhia Editora Nacional representou uma revolução no mercado editorial da época, em um país pouco alfabetizado. Foi uma das pioneiras a investir em projetos gráficos e acabamentos de alto nível das obras e na divulgação e distribuição das novidades do catálogo. Octalles e Lobato, tomados pelo imenso e sincero amor pelos livros, editaram importantes autores brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar, Oswald de Andrade, Rachel de Queiroz, além de grandes coleções dirigidas por intelectuais de renome. Coleções como: Biblioteca das Moças, sucesso absoluto entre as gerações de mulheres até a década de 60; Brasiliana, reunindo mais de 380 obras de estudiosos nacionais e estrangeiros sobre o país, além de Terramarear, Atualidades Pedagógicas, Iniciação Científica, Espírito Moderno, Para Todos, tornaram-se conhecidas em

propaganda, sob o título Coleção Biblioteca das Moças, uma literatura conhecida como “cor-de-rosa”.

Os autores mais divulgados dessa Coleção eram um casal de irmãos franceses que utilizavam o pseudônimo M. Delly⁸⁹ e que detinham o maior número de títulos – cerca de 35 em um total de 175 – e o maior número de edições. Entre os títulos de M. Delly mais vendidos destacavam-se: *Magali*; *Freirinha*; *Mitsi* e *Meu vestido cor do céu*. Nesses romances narrava-se a trajetória de moças exemplares, da meninice ao casamento, em um clima de encantamento e fantasia, típicos dos contos de fadas, nos quais se assegurava à leitora curiosa o benefício de um final feliz. Sua fórmula de sucesso obedecia a modelos infalíveis, seja lidando com um sentimento caro às mulheres, o amor, seja mostrando um imaginário romântico com descrições de paisagens exóticas e luxuriantes, personagens jovens, bonitos e ricos, movendo-se em um cenário atingível apenas pela fantasia e imaginação.

3.1 - Nobres, ricas, felizes e louras

O duque de Staldiff e sua jovem esposa haviam feito no seu iate a sua viagem de núpcias (*Magali*)⁹⁰.

Um mês depois o conde de Chanceny casava-se com a ex freirinha de Valromée (*Freirinha*)⁹¹.

Logo que ficamos a sós no carro que nos conduzia para o castelo, o Visconde de Trézonnes já era o meu marido (*Meu vestido cor do céu*)⁹²

Duquesas, condessas e viscondessas. As nobres heroínas dos romances de M. Delly, ricas ou enriquecidas pelo casamento, viviam felizes com seus heróis nobres e garbosos, em seus castelos magníficos. Em estilo romântico e abusando do didatismo, esses romances anunciavam, desde as primeiras páginas, um tom de encantamento num clima

todo o Brasil. Em 1980, o IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas -, adquiriu a CEN, formando um dos maiores grupos editoriais do país, com capital 100% brasileiro.

⁸⁹ Muitas pessoas ainda se referem a M. Delly como “Madame Delly”. Tratava-se, no entanto, do pseudônimo de um casal de irmãos franceses: Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (Vannes, 1870 – Versailles, 1949) e Jeanne Marie Henriette Petitjean de La Rosipere (Avignon, 1875 – Versailles, 1947). A razão do pseudônimo era de atrair ainda mais o público leitor feminino, já que seria muito mais fácil, para essas leitoras, se identificarem com uma escritora, e não como dois escritores.

⁹⁰ M. DELLY. **Magali**. Tradução de Apaminondas de Albuquerque. 10ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960, p.259.

⁹¹ _____. **Freirinha**. Tradução de Ernani R. de Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946,p.184.

⁹² _____. **Meu vestido cor do céu**. Tradução de Tito Marcondes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p.162.

de conto de fadas. As histórias narradas privilegiavam os valores e comportamentos da aristocracia europeia entre os finais do século XIX e inícios do século XX. Poucas histórias, aliás, eram datadas; a grande maioria oferecia à leitora apenas indícios que permitiam situá-las mais precisamente.

Essa imprecisão temporal, segundo Nelly Novaes Coelho, é uma das características das *narrativas maravilhosas*, que alimentam o imaginário de leitores e nas quais “os argumentos desenvolvem-se dentro de uma magia feérica: reis, rainhas, príncipes metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida”.⁹³

O encantamento desses livros pode ser igualmente avaliado pelo tom fantasioso de suas narrativas apresentadas, na maioria das vezes, em estilo grandiloquente. Tudo era excessivo, tudo era extremamente qualificado como para enfatizar a grandeza dos personagens, dos cenários e das situações vivenciadas. A adjetivação abundante parece comprovar:

Coração puro, transparente, límpido como mais puro cristal. (Vencido)⁹⁴

Castelo suntuoso com impotente escadaria de pedra cinzenta guarnecida de espesso tapete persa. (A vingança de Ralph)⁹⁵

Nessas descrições minuciosas, a adjetivação abundante caracterizava qualidades morais, o luxo e a beleza ao mesmo tempo em que referendava o castelo como símbolo da classe dominante, espaço de controle, um mundo domesticamente reconhecível, local em que as jovens castelãs procuravam estar para sonhar e esperar o príncipe encantado que surgiria para levá-las ao altar e, conseqüentemente, à felicidade suprema.

No plano das representações, o casamento era proporcionado como a redenção da mulher já que todos os romances terminavam com o encontro do herói com a mocinha. O estatuto de esposa estava assentado no adjetivo feliz. Os enredos introduziam tons e imagens de um convívio ideal a dois, repletos de relatos adocicados de uma vida conjugal com paz e tranquilidade.

Mitsi bordava, ao pé do marido, ou se sentava ao piano, feliz, para entretê-lo. (Mitsi)⁹⁶

⁹³ COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987. p.13.

⁹⁴ DELLY, M. **Vencido**. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. 10ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p.103.

⁹⁵ _____. **A Vingança de Ralph**. Tradução de Lila Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 220.

No terraço, sobre o jardim, ela instalou-se com o seu trabalho e esperou, bordando feliz, pela chegada do marido. (Freirinha)⁹⁷

As mulheres heroínas descritas nos romances de M. Delly eram qualificadas como *claras e santas*, todas portadoras de *pele nacarada, tez aveludada, andar gracioso, cabelos sedosos e macios*, além de serem apresentadas como *virtuosas, caráter reto, tementes a Deus*. Suas características físicas ligavam-se a um padrão de beleza convencionalmente tido como europeu: mulheres louras, alvas, frágeis. As poucas morenas, como Mitsi – do romance do mesmo nome – apareciam suavizadas pela *tez aveludada, cabelos sedosos e macios*. Havia uma idealização da mulher do tipo louro, identificada com personagens angélicos e divinos, em detrimento da mulher morena, identificada com os anjos maus, as decaídas. Era uma forma de dessexualizar a mulher porque a cor morena aparece no imaginário ocidental ligada à sensualidade. Essa associação é citada por Gilberto Freyre quando afirma: “o tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos está envolto em misticismo sexual vestida sempre de encarnado”.⁹⁸

Nas narrativas românticas de M. Delly, o tipo físico parecia condicionar a personalidade: para as vilãs estava reservado o perfil das morenas, *trigueiras*, enquanto as jovens claras e louras encarnavam o perfil angelical. Assim, apresentava-se como constante e verdadeira uma relação irreal ou pouco significativa, minimizando-se e até anulando-se influência do contexto familiar e social para a formação da jovem: tudo aparecia resumido no aspecto físico.

Não há como negar a ocorrência de mudanças do período estudado até hoje, mas a persistência de estruturas duradouras internalizadas pelas mulheres leitoras ainda é um dado muito importante: tais romances lidos na adolescência alimentaram sonhos e fizeram com que muitas mulheres conservassem aquela imagem de homem absolutamente fantástico: *forte, garboso, romântico*, protetor tal quais os heróis e heroínas de M. Delly, que acenavam para um modelo de homem e de mulher, e, de certa forma, ajudavam a construir uma sensibilidade romântica impossível de ser concretizada na vida cotidiana.

⁹⁶ M. DELLY. **Mitsi**. Tradução de Zara Pongetti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p.102.

⁹⁷ _____. **Freirinha**. Op. Cit. p.180.

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992,p.131.

3.2 – *Seios arfantes, frêmitos intensos, fervores religiosos*⁹⁹

As emoções amorosas das heroínas de M. Delly eram descritas entrelaçadas com fervores religiosos. A sexualidade feminina representada nesses romances estava presa aos estreitos limites sociais e físicos em que se desenrolava a vida da mulher, permeada pelos valores do catolicismo que, por tradição, diabolizava a sexualidade. Assim, não aparecem entre os casais alusões a contatos físicos. O corpo era muito pouco mencionado e tudo estava sob controle e as referências amorosas limitavam-se a descrever a parte superior do corpo e se restringiram a expressões como *grandes olhos aveludados, lábios carnudos, seios arfantes* para elas e *porte soberbo, estatura elegante, olhar penetrante* para eles.

Extremamente disciplinado no sentido apontado por Foucault¹⁰⁰ - *corpos dóceis* -, de se inscrever em si mesmo as proibições e prescrições e de fazê-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo, de tornar-se o *princípio de sua sujeição*, o corpo precisava mostrar os sinais dessa ordem interna, verdadeira codificação do modelo feminino predominante nos romances: andar gracioso de passos curtos, nenhum traço de pintura no rosto, decotes e transparências banidos. Assim, procurava-se esconder cuidadosamente o corpo feminino, ter suas formas deliberadamente disfarçadas, a exemplo do corpo da religiosa, reprodução severa da imagem ideal da virgem. Escondia-se o corpo com o propósito, ao que parece, de produzir o pudor feminino. O corpo feminino disciplinado constituía uma barreira à maioria dos vícios. Era preciso, assim, descorporificar a mulher, evitando tudo o que representasse sua mínima exposição física. A carne, portanto, continuava defendida e as iniciações cheias de mistério.

As heroínas dos romances de M. Delly eram apresentadas à suas tantas leitoras como portadoras de um acentuado pudor natural. Todas, sem exceção, *ruborizavam, coravam* e esses aspectos estavam associados à suas inocências. Cláudia Fonseca em seu estudo sobre mulheres solteiras francesas, refere-se a esse estado de inocência derivado, em grande medida, da religião católica. Causa permanente de angústia, a sexualidade feminina era controlada pela Igreja e se estendia para a família que mantinha as regras postuladas e aprendidas Toda uma sociabilidade católica – o Rosário, as

⁹⁹ Este título foi retirado dos livros de M. Delly. Por conta da frequência com que essas palavras eram repetidas nas obras, resolvi enfatizá-las a fim de discutir sobre elas.

¹⁰⁰ FOULCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondré Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977. p.77.

Congregações de Filhas de Maria, a Cruzada Eucarística – encerrava as jovens numa rede de práticas e proibições destinadas a proteger-lhes a virgindade e “era principalmente através do pudor que se fazia a distinção entre moças de boa formação e as outras”¹⁰¹.

A análise das múltiplas e até obsessivas descrições físicas das heroínas, de acordo com o modelo católico, pode ser igualmente entendida por intermédio dos estudos de Michel Foucault, quando se refere à disciplina imposta aos corpos dos indivíduos. Trata-se de “controlar, formar, valorizar, segundo um determinado sistema, o corpo do indivíduo”¹⁰². Nos romances em estudo era um determinado corpo de mulher que se desejava mostrar; um corpo que trouxesse inscrito em si aquelas marcas que, ao mesmo tempo, se aproximasse da Virgem Maria – pura, cândida e santa – e as distanciasse de Eva – leviana, fria, corruptora – extremos entre os quais parece oscilar, há séculos, a imagem da mulher.

Puras, cândidas, recatadas, angelicais, de olhos baixos, rigorosamente vestidas, com seus corpos disciplinados, as mulheres não deveriam manifestar seus desejos físicos. Por isso, tudo era descrito a partir de indícios que favorecessem um clima de erotismo na imaginação das leitoras. Um erotismo feito de insinuações, olhares lânguidos, seios arfantes, frêmitos intenso.

Ela desviou os olhos daquele olhar, cuja doçura ardente lhe causara um frêmito intenso. (Mitsi)¹⁰³

A Jovem, com os seios arfantes, sentiu-se arrebatada, na dança, por uns braços vigorosos. (Meu vestido cor do céu)¹⁰⁴

Apresentadas como frutos do mais austero catolicismo, não causa espanto a dedicação religiosa das heroínas de M. Delly. Assim, fervores religiosos eram descritos minuciosamente nos romances e ocupavam grande parte do tempo das mulheres.

Alguns pesquisadores tentaram buscar possíveis interpretações para a atração exercida pela religião sobre as mulheres da aristocracia como o inglês Lawrence Stone::

Dado o tipo de vida ociosa e frustrada que essas mulheres levavam no mundo masculino de uma enorme casa de campo, não é de surpreender que elas se voltassem desesperadamente para os confortos da religião. (...) presas em seus castelos, inteiramente dedicadas ao mundo íntimo da

¹⁰¹ FONSECA, Cláudia. **Solteiras de fino trato: Reflexões em torno do (não) casamento entre pequenas burguesas no início do século**. In: Revista Brasileira de História Nº18. São Paulo, ago./set. 1989.

¹⁰² FOUCAULT, Michel. **La verdad y las formas jurídicas**. México: Gedisa, p. 115.

¹⁰³ M. DELLY. **Mitsi**, Op. Cit. p.81.

¹⁰⁴ _____. **Meu vestido cor do céu**. Op. Cit. p.90.

família e dos filhos, essas mulheres, sem dúvida, encontravam um espécie de liberação nos movimentos religiosos.¹⁰⁵

Ainda no plano religioso é importante ressaltar como os ritos e as cerimônias da Igreja Católica – batizados, primeira comunhão, casamentos, frequência a missas, culto mariano – eram minuciosamente descritos. São frequentes, nos romances, as situações em que o casal, através dos ritos religiosos católicos, emociona-se em conjunto e libera sentimentalismo e enternecimento.

Essas abordagens compunham as narrativas de M. Delly e sugerem uma construção cultural de relações de gênero, enquanto as histórias (sempre iguais) da busca do paraíso através do casamento iam se desenvolvendo. Nelas, códigos de moral, valores e condutas iam sendo expressos nos comportamentos dos protagonistas e pareciam ter o claro intuito de envolver a leitora e fazê-la adquirir as maneiras e os discursos que engendrariam o reconhecimento de ser mulher: uma mulher que reunisse a mãe dedicada, a esposa exemplar e a dona de casa perfeita, vivendo sob um esquema de classe ou de dinheiro, já que os fatos narrados nunca apareciam como resultado das contradições econômicas ou das diferenças de classe e, sim, como consequência inevitável da luta entre os bons e os maus. Parece inegável, também, que a leitura de romances comove e fascina a leitora porque neles se trabalha a universalidade das emoções. Amor, felicidade, afeição vergonha e culpa; opressão e liberdade; contentamento e depressão, continuamente exaltados nas histórias românticas, contribuem para a educação dos sentimentos e das sensibilidades das leitoras que buscavam na literatura uma forma de entretenimento.

Levando-se em consideração que essas leituras eram realizadas na adolescência, parece correto supor que elas tenham exercido alguma influência na educação dos sentidos das leitoras, moldando/plasmando a visão de si próprias e do mundo. Entretanto, isso não é garantia de uma absorção, de uma interiorização total do que foi lido, pois, como lembra Roger Chartier:

A leitura é sempre uma prática criadora e capaz de produzir outros sentidos completamente singulares e que não se reduzem às intenções daqueles que escrevem. Por este motivo não devem ser considerados totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos e as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Citado por DAVIS, Natalic Zemon. **Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna**. Tradução de Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.64.

¹⁰⁶ CHARTIER, Roger. Op. Cit., p.136.

3.3 – Romances de M. Delly – o mercado editorial e a educação de moças

A coleção Biblioteca da Moças, de acordo com Maria Rita de Almeida Toledo¹⁰⁷, começa a ser organizada no período em que o mercado editorial brasileiro é marcado pela importação de livros estrangeiros, sobretudo, de livros franceses e portugueses, que começam a ser publicados pelas editoras brasileiras. A expansão do comércio editorial se dá, não só com a ampliação do interesse pelo objeto livro, mas também pela expansão do cenário em direção as mulheres.

Segundo Toledo, a modificação da atividade editorial, no início dos anos vinte, em São Paulo, é constatada por um de seus mais importantes jornais: *O Estado de S. Paulo*. O jornal promoveu um inquérito que pretendia verificar o que se lia na grande capital, e perguntou nas mais importantes livrarias da cidade, sobre o gosto dos leitores, quais livros eram os mais vendidos e como os livreiros caracterizavam o movimento editorial na cidade. Segundo o jornal, o mercado editorial, na década de 1920, estava sofrendo um deslocamento lento em direção à produção nacional. O público começava a procurar autores e obras produzidas no país e os editores a publicar algumas novidades em obras brasileiras.

Toledo aponta que ainda no inquérito de 1920, o responsável pela Casa Editora “O Livro” (uma das dez livrarias inquiridas em São Paulo) Jacintho Silva, observa que o público feminino paulista começa a crescer e as moças passam a frequentar as livrarias, comprando e escolhendo os próprios livros. Silva considera que os livros para leitores e leitoras eram diferentes e que a coleção “Litterature pour jeune fille” tem uma ótima freguesia, e que as moças renomearam esta literatura como *literatura de água doce*.

De acordo com a autora, a conquista dos novos públicos, como o feminino, está relacionada com estratégias editoriais que ofereciam um conjunto de obras especialmente voltadas para ele, como o da “literatura de água doce”. As novas leitoras procuram publicações com as quais se identifiquem, e já acostumadas a se identificar com as revistas especializadas, procuram no livro o seu congênere. Logo, entre as estratégias editoriais estão as coleções, que na década de 20 ainda são tímidas, mas que nos anos 30

¹⁰⁷ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. Tese de doutorado, Departamento de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

vão se intensificar e difundir por conta de uma nova roupagem que seus livros passaram a ter. Ordenando leitores e leituras, através da montagem das coleções, das mudanças dos formatos ou da própria especialização da editora, a expansão da indústria inventa o público e enquadra textos e leitores às suas prescrições.

Assim como destaca Toledo, as editoras no Brasil, nesse momento, tomam para si o direito de saber ou de entender melhor o gosto do público e de suas necessidades, encomendando aos autores produtos definidos ou enquadrando-os em coleções definidoras do perfil do leitor.

Toledo cita a fala de Jacintho Silva sobre o modo como as moças paulistas adquirem seus livros: em vez de buscar um autor ou um título, as moças que começam a frequentar as livrarias de São Paulo perguntam pelos livros publicados na “Litterature pour jeune fille”. São as próprias editoras que inventam a necessidade do público. Obviamente, a prescrições de leituras e, conseqüentemente do próprio público, não são prerrogativamente exclusivas das editoras, cujas representações dos diferentes leitores são compartilhadas por outras práticas culturais de seu tempo, canalizadas na forma de projetos editoriais específicos.¹⁰⁸

Outros fatores que também podem influenciar e determinar a escolha da leitura são: o preço do livro, a recomendação por autoridades significativas, o circuito de propaganda e a divulgação das editoras e livrarias. Toledo cita a indicação de autores e de títulos apresentada pelo educador brasileiro Lourenço Filho: com relação às autoridades significativas, ele explica que a opção freqüente pela leitura de livros de M. Delly entre as moças das escolas normais estaria diretamente vinculada às recomendações feitas nos jornais, revistas católicas, “como leitura sã”, e por “boa parte do clero brasileiro mais preocupado com a leitura das moças do que os próprios pais e educadores, a quem se impunha também esse dever”.¹⁰⁹

José Paulo Paes, poeta, tradutor, crítico e ensaísta brasileiro, fala que, só a partir dos anos 30 é que se pode falar a respeito da existência da indústria editorial brasileira e, não por acaso, as décadas de 30 e 40 assistem ao aparecimento das grandes coleções de literatura de entretenimento: a Biblioteca das Moças, composta de romances sentimentais editada pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, a partir de 1935. A coleção era composta de obras traduzidas, principalmente do francês e do inglês, explorando

¹⁰⁸ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. Tese de doutorado, Departamento de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p.25.

¹⁰⁹ Idem, *Ibidem*, p. 29.

habilidosamente os filões da sentimentalidade, conquistando uma legião de leitores que assinalam os primórdios da invasão do best-seller estrangeiro, facilitada e estimulada pela ausência de similares nacionais, além de chegarem ao Brasil com garantia de sucesso (já se conheciam as traduções portuguesas publicadas na coleção Biblioteca das Famílias) “por já terem passado em seus países de origem pelo teste de popularidade e aqui aportarem aureolados de prestígio publicitário”.¹¹⁰

Maria Teresa Santos Cunha, estudiosa no assunto, também afirma que os romances da coleção Biblioteca das Moças passam a ser editados no Brasil, ininterruptamente, entre 1935 e 1963, mas acrescenta que é ainda M. Delly quem detém o maior número de títulos da coleção e o maior número de edições.¹¹¹

Cunha, após a realização de uma consulta nas fichas de movimento de edição da Companhia Editora Nacional (CEN), constata que o primeiro romance da coleção publicado pela editora foi *O Rosário de Florence L. Barclay* em 1926. O que ela não pode afirmar é se já naquela época esse romance seria identificado como pertencente à Biblioteca das Moças, ou se apenas se tratava de um título de um fundo editorial que fora publicado. Não há uma data identificável para o momento que os títulos foram organizados e denominados como parte da Biblioteca das Moças, e nem precisamente a década que a coleção surgiu. A informação que Cunha tem, é que a CEN passou a organizar seu fundo editorial em coleções direcionadas de acordo com seu público leitor a partir de seu primeiro ano de existência e que em 1939, este fundo de edições já estava praticamente inteiro organizado em coleções.

Já que o objetivo da CEN era organizar seu fundo de edições, pois estava preocupada com a escolha dos seus leitores, passou então, a articular os dispositivos de recomendação: como o barateamento dos preços, a propaganda e a definição de cada coleção pelo público que pretendia atingir, fazendo então, a aquisição de diversos romances espalhados por várias livrarias no país para o seu fundo editorial, pois já que representavam um público garantido, só faltaria organizá-los em uma coleção.

Para melhor entendimento e visualização das estratégias publicitárias organizadas pela CEN, foi feita uma pesquisa¹¹² em algumas revistas e jornais que circulavam naquela

¹¹⁰ José Paulo Paes apud Cunha, 1995, p.40.

¹¹¹ CUNHA, Maria Teresa Santos. 1999. **Armadilhas da sedução – os romances de M.Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.30.

¹¹² A pesquisa foi realizada no Arquivo Edgard Leuenroth (IFCH/UNICAMP) no período de Julho de 2010. O acervo do AEL é hoje composto por livros, folhetos, manuscritos, revistas jornais, fotografias, postais, cartazes, fitas de áudio e vídeo, películas cinematográficas e microformas.

época, tais como: *Diário de Notícias*¹¹³, *Diário de Notícias – Letras e Artes*¹¹⁴, *Diário de Notícias – Revista Feminina*¹¹⁵, *Vida Doméstica*¹¹⁶, *Carioca*¹¹⁷, *O Ceará*¹¹⁸, *Cruzeiro*¹¹⁹, *O Globo*¹²⁰, *Jornal das Moças*¹²¹ e *Luzes Femininas*¹²².

As estratégias utilizadas para divulgação dos romances eram simples, porém, para a época, bastante criativas. Notou-se, também, que a mesma propaganda se mantinha por anos, sem mudanças de formato ou de conteúdo.



Figura 1

A figura 1 está presente no periódico *Vida Doméstica*, na edição de Setembro de 1941. Infelizmente as bordas deste periódico estavam bastante danificadas e só foi

¹¹³ Em papel os anos: 1939, 1945, 1953, 1955, 1956, 1959 e 1950.

¹¹⁴ Em papel os anos: 1945, 1946 e 1947.

¹¹⁵ Em papel os anos: 1945, 1947 e 1948.

¹¹⁶ Em papel os anos: 1937, 1940 e 1941.

¹¹⁷ Em microfilme os anos: 1935, 1936, 1937, 1939, 1952 e 1956.

¹¹⁸ Em papel o ano: 1927.

¹¹⁹ Em microfilme os anos: 1939, 1947, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954 e 1955.

¹²⁰ Em microfilme os anos: 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933 e 1934.


¹²¹ Em papel os anos: 1938, 1939, 1942, 1945, 1947.

¹²² Em microfilme os anos: 1940, 1942.

possível identificar esta propaganda como pertencente aos romances da Coleção Biblioteca das Moças, graças à parte superior das letras de “Companhia Editora Nacional”. Esta propaganda servia como apelo para as jovens e donas de casa que encontravam nesses romances uma forma de diversão.

Além da diversão, a proposta das leituras estava centrada nos livros que falassem de amor. A propaganda chamava atenção para que os leitores empregassem seu tempo na leitura dos romances da Biblioteca das moças.

Livros que falam de Amor



NOVA PHASE
BIBLIOTECA DAS MOÇAS

EMPREGUE o seu dinheiro e o seu tempo lendo os excelentes livros da **BIBLIOTECA DAS MOÇAS** edições da **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**.

BROCH. 4 \$ 000 ENC. AND. 7 \$

Obras de autores consagrados no mundo inteiro - Elinor Glyn - Concordia Merrel - Ardel - Florence Barclay e muitos outros.

Traduções feitas por escritores brasileiros de renome - Godofredo Rangel - Monteiro Lobato - Manuel Bandeira - Gustavo Barroso, etc.

BROCHURAS ATRAHENTES COM ÓTIMA IMPRESSÃO

Siga este conselho:

Via para os seus livros um livro catolico. É gostoso e com certeza de mais, esse tempo na BIBLIOTECA DAS MOÇAS.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 118 A 140 — SÃO PAULO

Quisa enviar ao endereço acima UM EXEMPLAR DO CATALOGO ILUSTRADO N. 12, de 1933:

Nome _____
Rua _____ N. _____
Cidade _____ Estado _____
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Cartoon * 35 *

Figura 2

O anuncio anterior foi encontrado em cinco periódicos: *O Carioca* (8 de Outubro de 1935, 3 de Dezembro de 1936, 15 de Fevereiro de 1937, 9 de Agosto de 1939, 11 de Dezembro de 1952 e 21 de Março de 1956), *O Cruzeiro* (5 de Fevereiro de 1947, 24 de Outubro de 1949), *Diário de Notícias* (18 de Abril de 1952, 22 de Junho de 1952), *Jornal das Moças* (14 de Novembro de 1943, 13 de Outubro de 1956, 02 de Janeiro de 1962), *Vida Doméstica* (17 de Junho de 1940, 29 de Setembro de 1941).

Nessa propaganda, o leitor podia encontrar os novos lançamentos da Coleção e optar por dois preços: 4\$000 pela brochura e 7\$000 pelo livro encadernado. Para referendar a competência da Coleção, nada melhor do que citar grandes nomes da literatura brasileira como os principais tradutores: Godofredo Rangel, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, entre outros.

Para chamar atenção dos leitores, os anunciantes recorriam às diversas estratégias como a referência a uma nova fase da coleção, com livros que falam de esperança, amor e sofrimento.

Nova fase da **BIBLIOTECA**
das **MOÇAS**

Os melhores romances para moças, escolhidos entre os melhores da Literatura Universal. Livros que falam de esperança. Livros que falam de sofrimento, que falam de alegria. Livros que falam de amor!

Volumes que acabam de ser publicados:

ELINOR GLYN: O GRANDE MOMENTO POR QUE?	CECIL ADAIR: FRANCESCA
FLORENCE L. BARCLAY: UM NOBRE AMOR	CONCORDIA MERRILL: O CASAMENTO DE ANNA
CHARLOTTE M. BRAME: LOUCO AMOR	GUY FOWLER: O AMOR NUNCA MORRE
LOUISA MAY ALCOTT: BOAS ESPOSAS	GUY WIRTA: NINA ROSA

Broch. 4\$
Encad. 7\$

Senhora!
Quando escolher um livro, considere sempre o nome do editor!
Só publicam bons livros os editores que têm um nome a zelar. Assim, a Companhia Editora Nacional, só manda traduzir pelos maiores escriptores brasileiros, os bons livros que edita.

Companhia Editora Nacional
São Paulo
Rio de Janeiro
Recife

* 63 *

Figura 3

Outro anúncio comum a partir da década de 40 foi este, a seguir, encontrado nos periódicos: *O Globo* (Março de 1931, Outubro de 1932, Abril de 1934), *Vida Doméstica* (Maio de 1937), *Luzes Femininas* (Agosto de 1955) e *Diário de Notícias – Letras e Artes* (1 e 8 de Outubro de 1950, 30 de Setembro de 1951, 10 de Fevereiro de 1952)

Nesta propaganda também de encontrava uma pequena lista nos mais recentes lançamentos da Coleção, além de um apelo: Senhora! Quando escolher um livro, considere sempre o nome do editor! Só publicam bons livros os editores que têm um nome a zelar. Assim, a Companhia Editora Nacional, só, manda traduzir pelos maiores escritores brasileiros, os bons livros que edita.

Os dois valores (4\$000 e 7\$000) permanecem, além do slogan “Livros que falam de amor”.

Além das propagandas diretas, a CEN publicava pequenos resumos sobre determinado livros, a fim de aguçar a curiosidade das leitoras, como foi o caso do romance *Magali*, que na revista *Cruzeiro* de 11 de Fevereiro de 1947, e 12 de Dezembro de 1950, deixa o seu enredo “em suspenso”, quando se lê: As Duas o disputam...mas uma só pode triunfar” :

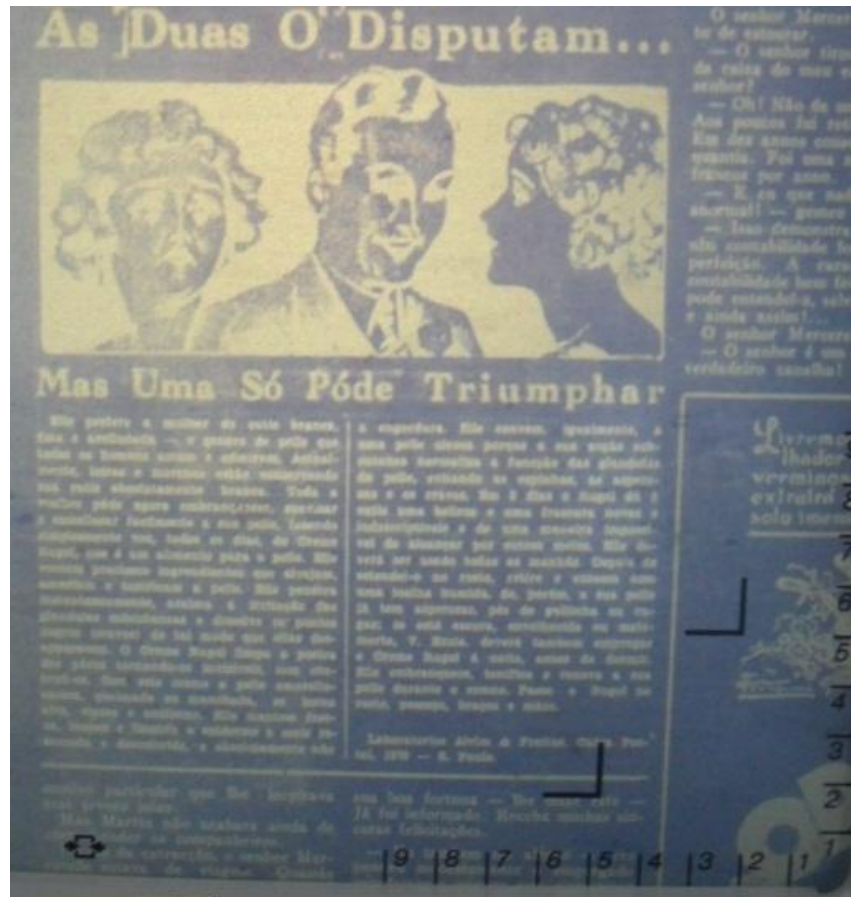


Figura 4

Outra nota sobre a Coleção Biblioteca das Moças pode ser encontrada no *Diário de Notícias* de 10 de Agosto de 1958, onde o colunista escreve sobre o livro “A Inimiga”, fala no final que “nunca antes havia existido uma vilã tão sórdida”: Fiorella Barnaré é uma personagem que ainda preserva a pureza e o esplendor de uma época já perdida para a sociedade de Prexeuil. Sua beleza e doçura cativavam a todos que a conhecia, mas nada será muito fácil para esta linda heroína. “A Inimiga”, publicada primeiramente em “O Cruzeiro” aparece em um novo volume para deleite das leitoras mais fiéis. Este livro traz a público uma vilã sórdida e maligna, nunca antes vista, e que fará você ler do início ao fim sem mudar de posição, da mesma autora de “O Grande Finasse”, aclamadíssimo pela atualidade e a reviravolta da trama.



Figura 5

Foi encontrada, também, no periódico *Diário de Notícias*, do dia 21 de Outubro de 1952, outra nota referente à Coleção Biblioteca das Moças. Nela se lê que os livros *Magali*, *Freirinha* e *Mitsi* foram considerados "sucessos de livraria" do ano em questão: Editora Melhoramentos registrou no histórico de vendagem que no ano de 1952, chegaram os seguintes livros: "Carlos de Koseritz com "Um drama no mar" e Thomaz Galhardo com "Cartilha de Infância". Outra editora que trouxe sucessos este ano foi a Companhia Editora Nacional com as obras *Magali*, *Freirinha* e *Mitsi*, que poderão ser encontrados nas prateleiras das melhores livrarias da sua cidade.

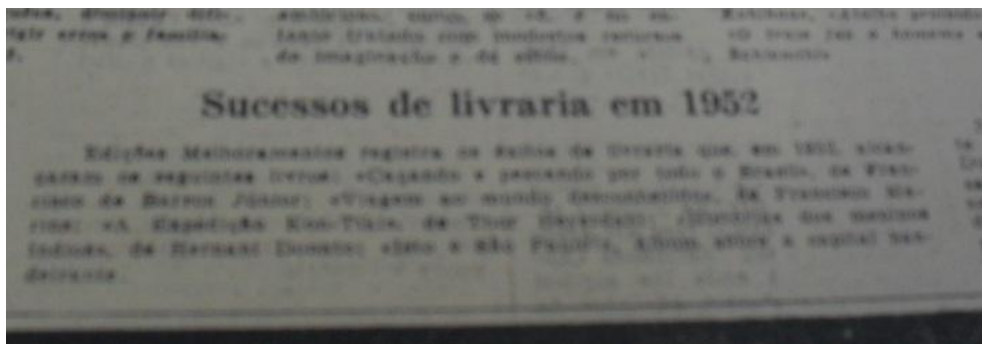


Figura 6

Com um mercado editorial indo “de vento em polpa”, fator que mostra o quanto a Coleção Biblioteca das Moças teve impacto na sociedade da época, é de se esperar uma grande influência dessas obras tanto na vida escolar quanto na familiar dos inúmeros leitores.

Maria Teresa Santos Cunha, em sua Tese de doutorado, trata como problema principal o estudo dos romances escritos para mulheres, utilizando o texto literário como fonte na qual busca destacar representações de normas, condutas, valores passíveis de educar e seduzir quem os lê. Ela realiza uma pesquisa sobre o cotidiano escolar de um colégio feminino em Florianópolis entre as décadas de 1920 e 1960, para constatar que a leitura dos romances de M. Delly era uma prática comum entre as alunas. Esses romances constavam na ficha de empréstimos da biblioteca e eram catalogados como romances de formação, ocupando as estantes reservadas às normalistas.

Outro dado encontrado na pesquisa realizada em Julho foi uma pequena nota publicada no periódico *Diário de Notícias* de 25 de Junho de 1954, onde o colunista fala que alguns romances da Coleção Rosa, são tidos como “excelente formadores de jovens moças cristãs”: Para senhoras e moças livros de alta qualidade, belas ilustrações de capa. Livros de excelentes escritores, publicados pela Companhia Editora Nacional. Estes livros são recomendados para professoras, pois são considerados excelentes formadores de moças cristãs em fase formativa.



Figura 7

A autora aponta que os romances de amor – em particular os franceses – eram a literatura mais largamente consumida entre as mulheres da elite brasileira a partir dos meados do século XIX. Para Cunha, houve a importação de um modelo aristocrático notadamente francês para a educação feminina, como ler romances, por exemplo, dispositivos que vão ajudando a constituir culturalmente uma imagem da mulher burguesa.

Os romances começam a ser editados na França a partir de 1920, estas obras pertenciam a um casal de irmãos franceses que usavam o pseudônimo de M. Delly. São romances que, aprovados pela Igreja Católica, passaram a ser editados, simultaneamente, em Portugal em uma coleção denominada Biblioteca das Famílias. Esta coleção chega ao Brasil, importada de Portugal, em 1924. Em edições baratas, vendidas em livrarias e em bancas de jornal, teve grande aceitação, principalmente entre jovens normalistas. Estas obras eram presença constante nas bibliotecas das Escolas Normais, recebiam aprovação de professores e da Igreja para a sua leitura, além de serem consideradas romances de família: leitura para senhoras e senhoritas cuja moral cristã seria conveniente preservar.¹²³

¹²³ CUNHA, Maria Teresa Santos. 1995. **Educação e Sedução. Normas, Condutas, Valores de M. Delly.** Tese de doutorado, Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo. p.39.

A autora aponta que a aceitação foi tão grande que, em 1926, houve a realização do 1º Inquérito sobre Leitura Infantil pela educadora Armanda Álvaro Alberto, da Associação Brasileira de Educação, no qual foram citados os romances de M. Delly como leitura preferencial dos jovens de 15 a 17 anos.

Elizeth Passos, em um trabalho acerca da educação ministrada no Instituto Feminino da Bahia entre 1945 – 1955, relaciona dois livros da Biblioteca das Moças – *Mulherzinhas e Freirinha* – como romances liberados para leitura entre as alunas daquela Instituição, por seu caráter educativo e de boa formação.¹²⁴

Vale reafirmar que família e escola, notadamente as de classe média, são os ambientes onde as leituras dos romances de M. Delly eram realizadas e incentivadas. O livro estava perfeitamente integrado ao ambiente doméstico e escolar. Além disso, estes espaços, família e escola, eram os locais de divulgação, circulação, prescrição e imposição de textos e leituras cuja finalidade última parecia ser a promoção de um determinado “modelo” de formação feminino.

Por se constituírem uma leitura permitida e incentivada pelas duas grandes instituições sociais – família e escola – não causa espanto que tal literatura tenha tido tanta divulgação e tantas leitoras, principalmente entre professoras normalistas. Essa circulação dos romances autoriza supor que certo imaginário e uma sensibilidade romântica foram apropriadas pelas leitoras tanto na sua vida doméstica como na relação que estabeleciam com seus alunos pequenos. As relações historicizadas entre leitora/imagem/texto, ao se cruzarem, geram sentidos novos e/ou diferenciados.

Parece certo, igualmente, que as mulheres de classe média entre os anos 1930 a 1970 conheciam bastante esse tipo de literatura, cuja facilidade de acesso, na família e na escola, propiciou a aquisição de conhecimentos e valores, aguçou as sensibilidades românticas e a imaginação e, foram dados considerados ideologicamente e educacionalmente relevantes para a construção de suas subjetividades. Entretanto, a influência de tudo isso na educação de mulheres não surgiu despropositadamente, só foi viável porque muitas cenas e situações já se achavam interiorizadas, inscritas e estampadas no próprio imaginário daquelas leitoras; faziam parte do projeto educacional de ser mulher e ser professora e tendiam a reforçar valores já interiorizados no processo de socialização primária, por conta disso, foram capazes de provocar um choque de

¹²⁴ Citado por REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessituras de destino – mulher e educação**. São Paulo, 1910/1920/1930. Dissertação de Mestrado em História. PUC/SP, 1991 (mimeo) p. 144.

reconhecimento. Convém, mais uma vez, salientar que esses livros – normatizadores e moralizadores desde seu aspecto físico – constituíam leituras frequentes entre jovens adolescentes educadas para bem desempenharem as funções de esposas, mães e donas –de- casa. E, embora a maioria das leitoras fosse normalista, exercer a função de professora primária era uma extensão do “ser mãe”, era uma forma de exercer “maternidade simbólica”. Em geral, o contato livro/leitora tendia a ocorrer nos momentos em que a “menina – moça” estava buscando encontrar a si mesma, quando estava buscando uma identidade.

3.4 - As capas, os títulos e as letras dos livros de M. Delly

Tendo em vista a popularidade dos livros da Coleção Biblioteca das moças, mais especificamente os escritos por M. Delly, entre o público feminino, sentiu-se uma necessidade de pesquisar as tentativas do mercado editorial para aumentar a popularidade desta coleção. Estas tentativas não estavam contidas apenas nas propagandas, mas também na forma como o objeto livro se apresentava nas prateleiras.

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos e até como um suporte para representações ideológicas. Esta linguagem dos títulos aguça a imaginação de quem lê, fazendo pensar no seu conteúdo; e a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores:

...e olho as estantes que contêm os livros de que mais gosto. A aquisição de cada um foi resultado de longas espreitas, pesquisas, paqueras, paciências e esperas – como na conquista das amadas. (...) Folheio as páginas. (...) e delas sobe um cheiro de papel antigo, de multidão de tarde parisiense, da estação de frio, cinza e púrpura. (...) Que oásis! Abrir minha estante e senti-los, um por um nos seus couros, carneiras, pergaminhos, papéis, percalinas – como quem passa a mão, sente e palpa pele amada (...) Vejo-os nas letras de que se enfeitam: caracteres góticos, os das impressões com capitais livrescas, minúsculas carolinas, maiúsculas insulares, itálicos, caixas altas, baixas, redondos.¹²⁵

Eu amava todos os livros, mais uns do que outros, o que para mim parecia inexplicável, já que o afeto por alguns livros antecedia a leitura. Aos poucos fui aprendendo que a textura, a capa, o peso, a cor do papel influíam muito na criação deste elo que nasce ao primeiro contato. Eu sabia que para

¹²⁵ NAVA, Pedro. **Galo das trevas**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p.49-51.

aproveitar a leitura era preciso amar o livro já no primeiro contato físico. O livro cresce quando no suporte adequado. Eu gostava de ler uma estória passada no campo impressa em papel cuja cor lembrasse feno, milho, velhas madeiras trabalhadas pelo tempo.¹²⁶

Tive um aluno particular de português (14 anos – oitava série) que se lembrava dos ‘livros obrigatórios’ de literatura brasileira, publicados pela Ática, todos com assustadoras capas em fundo preto (Série Bom Livro / Edição Didática, anos 70) e extremo mau gosto.¹²⁷

Essas frases são fragmentos de textos recolhidos em livros, jornais, e apesar de suas diferenças (de autor, de época e de veículo), guardam entre si uma grande semelhança: são marcas, cerimônias do ato de ler que se referem ao contato físico (e visual, principalmente) do leitor com o livro. Indicam, além disso, a atração ou a repulsa exercida por este objeto, a partir de sua apresentação externa, de sua materialidade. Essa possibilidade de qualificar um livro pelo seu aspecto físico coloca em evidência que, em sua materialidade, várias linguagens estão inscritas.

Uma análise das linguagens expressas pelas capas, títulos e disposições tipográficas dos romances de M. Delly, publicados no Brasil, na coleção *Biblioteca das Moças* pela Companhia Editora Nacional (SP), entre 1935 e 1963, arma um pano de fundo para este estudo sobre livros e práticas de leitura. Os romances de M. Delly constituíam leitura bastante comum dada a comunidade de leitores: mulheres de classe média, professoras normalistas moradoras de centros urbanos. Essa coleção que trazia em seu título “para moças” e já excluía, a princípio, outros possíveis públicos, constituiu leitura preferencial dessas mulheres que terão, principalmente nos anos 50, esses romances recomendados tanto como literatura de formação como literatura de entretenimento.

Ao olhar, inicialmente, para as capas, os títulos e as disposições tipográficas desses livros, é possível analisar as estratégias através das quais são dados a ler e, ao mesmo tempo, verificar como determinados dispositivos funcionaram para a educação das sensibilidades daquelas jovens leitoras, favorecendo o aparecimento de um certo imaginário romântico já que as obras moviam-se no mundo do maravilhoso, da fantasia, do encantamento, da epopéia, dos contos de fadas. Tal abordagem encontra respaldo na perspectiva apontada por pesquisadores como Roger Chartier que, ao trabalhar com a história do livro e das práticas de leitura, afirma:

¹²⁶ TEIXEIRA, Cleber. **A magia vem dos livros**. In: *Jornal O Estado* (SC), 1/04/1984.

¹²⁷ FELINTO, Marilene. In: **Folha de São Paulo** (SP), 30/05/1993.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si, separado de toda materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor.¹²⁸

Como a leitura é prática de apropriação, importa considerar a noção de apropriação trabalhada pelo mesmo autor e que se refere: (...) *à maneira contratante como os grupos ou os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que partilham com os outros.*¹²⁹

O conceito de “apropriação”, que Chartier toma de empréstimo a Certeau, contempla a leitura como uma atividade produtora de sentidos singulares, não estritamente subordinada às intenções de editores e autores. Considerada, por Certeau, como uma “caça - furtiva”¹³⁰, a leitura é prática criadora e há sempre uma irredutível liberdade dos leitores que conferem às imagens e aos textos múltiplos sentidos em um processo conhecido como “polissêmico” e que Eni Orlandi caracteriza como “responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes e múltiplos ao texto”¹³¹. Nessa dinâmica, as formas através das quais um texto é proposto possibilita, além de múltiplos sentidos, recepções variadas.

Por sua vez, Walter Benjamin, ao evocar sua infância em Berlim por volta de 1900, é capaz de falar, também, sobre seus livros, rememorando-os através da imagem física que eles lhe deixaram:

A suave atmosfera desses livros (...) cativava meu coração que se mantinha fiel aqueles tomos tão manuseados, com sangue e perigo (...) Quão suave e mediterrâneo era o ar tépido que soprava daqueles livros distribuídos no intervalo. Cenas borbulhantes e fugidias, mas que tendiam sempre para um tom violáceo que parecia provir das entranhas de um animal abatido.¹³²

Os editores e os criadores de capas, conhecidos como capistas, parecem ter consciência de suas estratégias literárias e as utilizam para tornar o livro mais atraente, principalmente no Brasil, país que possui a fama de poucos leitores

¹²⁸ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. Estudos Avançados. São Paulo: 11(5); 1991. p.182.

¹²⁹ _____. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. p.136.

¹³⁰ In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.p.264-265.

¹³¹ ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 1993.p.20.

¹³² BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas II. Tradução de Rubens Rodrigues Torreres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987p.113-114.

Maria Teresa Santos Cunha conta que os editores, em épocas distintas, parecem confirmar esta situação. Monteiro Lobato, fundador e diretor por vários anos da Companhia Editora Nacional, rompeu com as capas padronizadas e comuns até início dos anos 30. Lobato, já na década de 20, lançou seus próprios livros *Urupês* e *Saci* com capas ilustradas. Ao que parece, ele já estava consciente do valor publicitário de uma atraente aparência externa do livro e afirmava – “Chamei desenhistas, mandei pôr cores bastante berrantes nas capas. E também mandei pôr figuras”.¹³³

Sobre essa questão, assim se expressou mais recentemente, um outro editor.

Infelizmente, o público brasileiro não é refinado, e nós precisamos adotar uma linha em que a capa do livro seja chamativa, colorida. A Europa, por exemplo, chegou a uma qualidade gráfica excepcional. Coleções inteiras têm as capas da mesma cor e o mesmo logotipo, só muda o nome do livro. É uma filosofia diferente, em que o imaginário fica por conta do leitor.¹³⁴

Da mesma maneira, um artista gráfico que trabalhou nas capas dos livros de uma editora brasileira, corroborou a afirmação do editor Luiz Schwarcz, observando que a função da capa não é só cultural, mas também de apoio à venda da obra. No Brasil, ao contrário do que acontece em outros países, a capa precisa ter função de um *outdoor*. A capa tem função dupla, pois às vezes, ela pode ajudar ou prejudicar o sucesso de um livro.¹³⁵

Nos países europeus, convencionalmente as capas de livros podem ser padronizadas, como o exemplo da Editora Flammarion, de Paris, que vinha editando os romances de M. Delly há cerca de 60 anos e mantendo as capas em um único padrão há pelo menos 30 anos: fundo branco, letras pretas, o nome do livro ao centro. A *Editora Figueirinhas* e a *Editora e Livraria Progredior*, responsáveis pela edição da obra de M. Delly em Portugal, conservam há, pelo menos, 40 anos as mesmas capas padronizadas, sem quaisquer ilustrações e apenas com o pseudônimo dos autores, o título e o nome da editora sob fundo branco ou verde – claro escrito em letras vermelhas ou pretas.

¹³³ HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP, 1985. p. 251.

¹³⁴ “Capas de livros – Uma questão de arte.” In: Folha de São Paulo (SP), Caderno Ilustrado, 18/05/1985. p. 51. O editor entrevistado é Luiz Schwarcz.

¹³⁵ Idem, p.51. O artista gráfico entrevistado é Vitor Burton.



Figura 8¹³⁶

No Brasil, ao contrário, a preocupação com a “embalagem” do produto é bastante grande e há todo um procedimento para se fazer uma abordagem visual que corresponda ao conteúdo da obra. No caso específico da coleção de romances de M. Delly, as capas tinham, juntamente com o título e o tamanho das letras, o objetivo de embelezar o livro, ressaltar uma correspondência com o conteúdo da obra publicada e, automaticamente, atrair um público leitor mais numeroso. Esses objetivos parecem ter sido alcançados tendo em vista não só as numerosas edições desses livros e sua receptividade pela crítica da época, mas e principalmente, pelas lembranças que ainda despertam nas antigas leitoras, o que autoriza a qualificar sua importância para o imaginário delas, pois, como lembra Roger Chartier “a imagem classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador”¹³⁷.

A primeira imagem que se tem de um livro é, quase sempre, sua apresentação externa, assim, essas obras eram pensadas para impressionar a leitora já ao primeiro olhar. Ao analisar, por exemplo, a propaganda da *Biblioteca das Moças*, publicada em 7 de janeiro de 1935 no Jornal *O Estado de Florianópolis* (o de maior circulação em Santa Catarina à época):

¹³⁶ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.43.

¹³⁷ CHARTIER, Roger. **A História cultural- entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhado. Lisboa : DIFEL, 1990. p. 133.

A nova BIBLIOTECA DAS MOÇAS

A MELHOR E A MAIS CRITERIOSA COLEÇÃO DE ROMANCES PARA MOÇAS PUBLICADA EM PORTUGUÊS

ULTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:

- (*) *Mulherzinhas* - por LUCIA MAY ALCOTT - tradução revista por Celso de Rangel.
- (*) *Senho de Moço* - de KATE DOUGLAS WIGGIN - tradução de Agripino Griem.
- (*) *Pollyanna* - por ELEANOR H. PORTER - tradução de Monteiro Lobato.
- "O I" - por ELSON GLYN - tradução de Celso de Rangel - Seis dias de amor - tradução revista por Paulo de Freitas.
- Amor subconsciente* - por BERTA ROCK - tradução de Adriano de Alencar.
- Alegria de viver* - por MAY CHEWITT - trad. de Lúcia Xavier.
- O Bosque Encantado* - por J. PANDORA-VÄGTEREN - tradução de Gustavo Berroni.
- A procura da Casa Níquel* - por OLIVER SANDER - tradução de Paulo de Freitas.
- Nobresça Americana* - por FRANK DE CROLEYVALD - tradução de Mouny Deleury.
- A Iratã Branca* - por F. MARION CRAWFORD.
- Redimida* - por MARIE BELLOC LOFFREDA.
- Magali* - por M. DELLY.

TIPO DE VOLUME: SIMPLES 3\$000, DUPLO 4\$000 - Encadernado, volume simples 5\$000, volume duplo 6\$000

Cia. Editora Nacional - A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Figura 9¹³⁸

A propaganda ocupava 1/3 da página do jornal e reproduzia as capas de sete livros da coleção *Biblioteca das Moças*. Era uma propaganda veiculada nacionalmente, pela própria Companhia Editora Nacional, responsável pelo anúncio, em colaboração, é claro, com os revendedores dos seus livros em âmbito regional. No anúncio do jornal, além da imagem desses últimos volumes publicados, o destaque é um cartaz, ao centro, onde se lê: “A melhor e mais criteriosa coleção de romances para moças publicada em português”. Entre os livros anunciados encontra-se *Magali*, romance de autoria de M. Delly. Ao lado

¹³⁸ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.44.

direito de quem olha, há o desenho de uma jovem mulher sentada com um livro nas mãos. A mulher aparece vestida com uma roupa de panos vaporosos e somente seus braços estão descobertos. Há também o desenho de um casal e o homem, vestido em traja de gala (smoking), encosta delicadamente os lábios na face da jovem que está ao seu lado. Abaixo da lista de livros, lê-se: “Todos os livros marcados com uma estrela (*) podem, também, ser lidos por meninas”. Os títulos aconselhados para as meninas eram: *Mulherzinhas*, *Sonho de moça*, e *Pollyanna*. Os romances eram anunciados em quatro encadernações diferentes, o que hoje em dia nenhuma propaganda e nenhum editor se preocupariam em mencionar. Pode-se arriscar a pensar, com Robert Darnton, que “até as primeiras décadas do século XX vendedores e compradores partilhavam de uma consciência tipográfica que agora se encontra praticamente extinta”¹³⁹. Estratégia que fazia os preços variarem, como se vê no anúncio: “Brochura” 3 \$000; “Volume Duplo” 4 \$000; “Encadernado simples” 5 \$000 e “Encadernado duplo” 6 \$000. Essas diferenças de preço entre os exemplares bem como as características próprias de cada forma de encadernação sugerem que leitoras com poderes aquisitivos diferenciados e, conseqüentemente, de diferentes classes sociais poderiam ter acesso a esses livros.

Como observa Eduardo Neiva Júnior “a imagem publicitária dirige-se frontalmente para o destinatário, definido como aquele que é capaz de consumir. O efeito de recepção é extremamente necessário”¹⁴⁰. E isso parece certo já que a propaganda desses livros está na página do jornal destinada “às leitoras”, ao lado da “coluna social” e acima de um artigo intitulado “Feministas extremistas”, de autoria de um homem. Portanto, além de não dissimular a quem pretendia atingir, a propaganda permitia que a leitora relacionasse a significação à proximidade entre os artigos, lado a lado, à co-presença dos textos.

As variadas formas através das quais um texto chega até seu leitor constituem, como se vê, suportes que lhe conferem legibilidade e, tal qual observa Roger Chartier “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele se apresenta à leitura”¹⁴¹. Assim, é realçado nos romances de M. Delly a importância dos dispositivos textuais, visuais e tipográficos no processo de educação dos gostos e da sensibilidade de jovens leitoras.

¹³⁹ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.161.

¹⁴⁰ NEIVA JÚNIOR, Eduardo. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1986. p.70.

¹⁴¹ CHARTIER, Roger. **A História cultural- entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhado. Lisboa : DIFEL, 1990. p.127.

Caracterizadas como literatura de entretenimento, incentivada pela família e pela escola, parece inegável que as histórias de M. Delly contribuíram para “modelar” visões de mundo, modelar condutas e subjetividades, alimentar o imaginário da leitora. Entretanto, a apropriação desse objeto cultural ocorria em tensão, podendo-se observar tanto uma interiorização dos modelos propostos como uma resistência e negação aos valores ali veiculados, considerando essas duas reações como intercambiáveis, “geridas a par”, como sublinha Chartier:

Pensar desse modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. (...) A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural.¹⁴²

Importa, ainda, considerar que a leitora concreta, particularizada e singularizada, tanto está inscrita em textos, como também os “re-escreve”, porque os interpreta através da leitura que lhe propicia “apropriação e produção de sentido”.

Dentre os romances da coleção *Biblioteca das moças* mais procurados, mais vendidos e mais lembrados por suas leitoras, de acordo com a pesquisa realizada por Maria Teresa Santos Cunha, destacam-se *Magali*, *Mitsi* e *Freirinha*, todos com mais de dez edições – cada edição com cerca de 3.000 exemplares. Suas capas apresentavam um nível de detalhes, que dir-se-ia, “balzaquiano”.

O romance *Magali* constituía-se no volume 52 da Biblioteca das moças e faz parte da Coleção Verde (havia a Coleção Rosa, para meninas) para moças e é essa cor que predomina como fundo em todos os livros. A capa exhibe, sob um fundo verde água, uma cena “inocente”: em um jardim, duas mulheres estão sentadas em um banco de madeira, sob um frondosa árvore que lhes fornece sombra. Elas parecem estar conversando. Em primeiro plano, uma das mulheres, a mais jovem, está vestida de branco, enquanto a outra, aparentemente mais velha, aparece vestida de preto e com luvas brancas. Atrás do banco do jardim há flores, muitas em botão, apresentadas em tons suaves e a grande copa da árvore que as sombreia parece protegê-las.

CHARTIER, Roger. **A História cultural- entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhado. Lisboa: DIFEL, 1990. p.136-137.

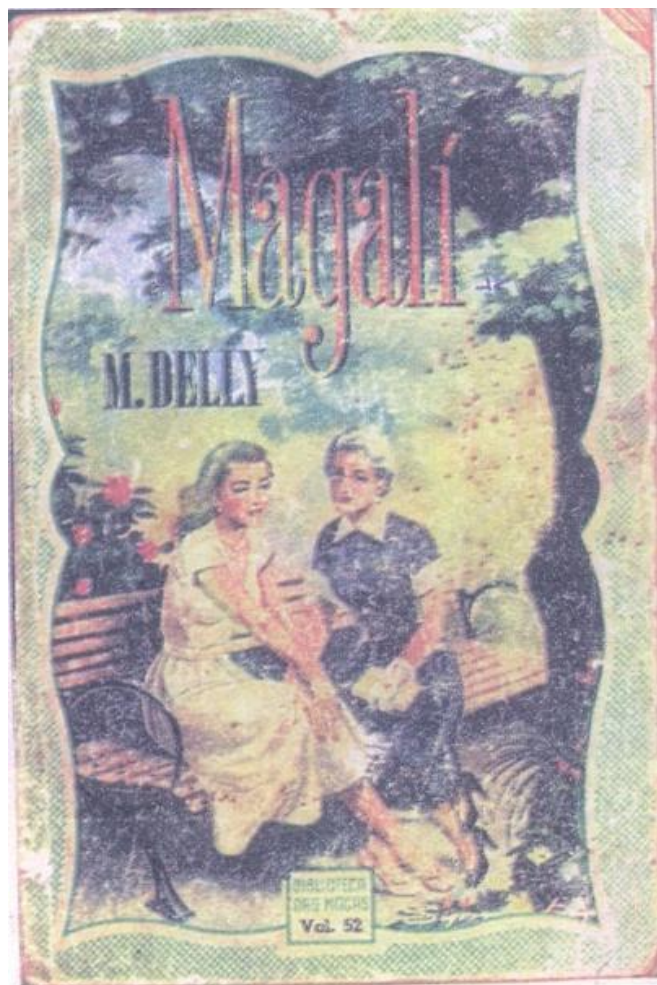


Figura 10¹⁴³

Nessa capa, a representação de figuras femininas em um cenário de natureza paradisíaca parece estar ligada a uma convenção literária proveniente do romantismo que, igualmente, associou o romance como leitura reconhecidamente feminina: *O romance chega (e fica) para distrair, sobretudo as senhoras de classe média, oferecendo-lhes um sentimento da própria importância: suas rondas diárias, suas aspirações, seus sonhos românticos.*¹⁴⁴

Do mesmo modo, a imagem de germinação, representada pelas flores em botão confunde-se com imagens de espera, de nascimento e faz outra referência à tipificação romântica, de um culto à natureza que se apresenta sempre festiva, harmoniosa,

¹⁴³ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.44.

¹⁴⁴ GLASS, William. **A arte do self**. Tradução de Clara Alain. In: Folha de São Paulo (SP), Caderno MAIS, 21-08-1994.

edulcorada. Tais imagens de natureza/ mulher remetem, nessa convenção literária romântica, a situações de paz e quietude, propiciando sonhos e devaneios, fornecendo matéria de alimentação para o imaginário.

Quanto à associação mulher/ natureza, observa Renato Janine Ribeiro:

O codinome para este mundo em que a mulher se sente em casa é natureza (...). Quando se diz que a mulher lida melhor com a espontaneidade e ele [o homem] com as regras, é de certa forma este o recorte praticado: o da mulher trabalhando de perto a natureza (filhos, animais, jardins, emoções) enquanto o homem constrói um mundo artificial, o das relações distantes (...). Em outras palavras, a celebração da natureza, não passaria de elemento integrante e essencial de um processo pelo qual se constitui a domesticidade enquanto território propriamente feminino.¹⁴⁵

Para além das diferentes interpretações efetuadas, o que parece importante assinalar são as diversas maneiras como vão circulando, ao mesmo tempo e em dispositivos variados, inúmeros discursos endereçados à mulher leitora, de classe média. Assim, não se pode afirmar que a leitora de M. Delly “incorporou totalmente” normas e valores apenas dos livros lidos, pois havia diferentes representações circulando no mesmo espaço e ao mesmo tempo, o que permitia práticas e apropriações diversas e partilhadas, além do fato de que as transformações dos comportamentos são lentas, difusas, contraditórias e, por esse motivo, é conveniente evitar consenso de época, como se os valores fossem homogêneos. Enfim, havia vários tipos de leitura que contribuíram para a educação das jovens leitoras.

Retornando a capa do livro *Magali*: as duas mulheres sentadas parecem conversar, mas elas não se olham, deixam-se ver. Suas mãos repousam educadamente sobre os joelhos num gesto frequentemente descrito nos romances de M. Delly como de muita fineza. Nas estórias as mãos são “delicadas, finas, tais como pétalas de rosas, macias, têm dedinhos afusados, são mãos de fada”¹⁴⁶: uma dimensão quase sagrada! (Mãos sempre ocupadas para não perturbar o corpo?) têm também o seu avesso: são “frementes; nervosas; ardentes; irrequietas”¹⁴⁷. Suaves ou calejadas, tarefeiras ou preguiçosas, cruzadas ou soltas, além de educadas, as mãos educam, exprimem e traem as disposições

¹⁴⁵ RIBEIRO, Renato Janine. **Cinderela sem complexos**. Revista USP, São Paulo, nº16: dez/jan/fev., p. 117-118.

¹⁴⁶ M.DELLY. **Magali**. Tradução de Epaminondas de Albuquerque. 10 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960, p.53.

¹⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p.67.

da alma – leitoras e personagens, enfim, ligadas por um corpo comum e uma natureza orgânica comum.

Vestidas com roupas flutuantes, aéreas e etéreas, que apenas sugerem um corpo, as duas mulheres transmitem idéia de inocência, principalmente a que aparece em primeiro plano, toda vestida de branco. A cor branca para a cultura ocidental cristianizada, e de acordo com uma convenção religiosa, está associada à pureza, é a cor virginal por excelência: dá idéia de asseio, de simplicidade. O branco, por sinal, é a cor mais frequentemente utilizada no vestuário das heroínas desses romances:

Magali trajava um costume de flanela branca.¹⁴⁸

Com seu vestido de crepe branco de uma elegância sóbria (...) parecia uma menina.¹⁴⁹

Elys estava deliciosamente bela no seu vestido branco, muito simples, feito por ela mesma.¹⁵⁰

O romances *Mitsi*, edição de 1956, é o volume de número 158 da Coleção Verde e também é bastante conhecido e lembrado pelas ex-leitoras. Sua capa já encerra diferenças: sobre o mesmo fundo verde apresenta apenas uma figura de mulher morena, de cabelos negros e curtos, usando grandes brincos dourados e discreta maquiagem. Suas roupas em nada lembram as clássicas heroínas de M. Delly. São roupas vistosas e de cores berrantes (vermelho, verde, amarelo) que mostram as formas femininas: *Mitsi* tem seios, por exemplo!

¹⁴⁸ Idem, p.64.

¹⁴⁹ M.DELLY. **Mitsi**. Tradução de Zara Pongetti. São Paulo: Editora Nacional, 1956, p.215.

¹⁵⁰ _____. **Freirinha**. Tradução de Ernani R. de Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p.226.

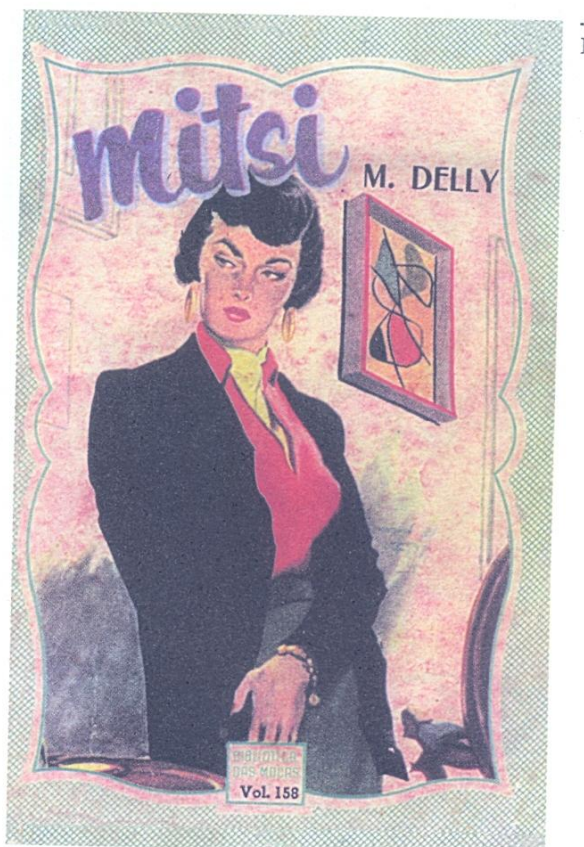


Figura 5¹⁵¹

A representação de uma figura feminina emoldurada que ocupa toda a capa do livro dá a idéia de independência e o seu olhar não autoriza a imaginá-la uma “donzela”, mas uma mulher decidida, dona de um “olhar calculado”.

Essas observações confirmam-se, tanto pela capa como pelo próprio texto do romance que apresenta a protagonista como morena, olhos negros, ar selvagem. Retomando a idéia da “mulher de fibra”, a imagem de capa do romance *Mitsi* produziu o imaginário de uma mulher sensual, decidida, diferente das frágeis, alvas e cândidas heroínas frequentemente retratadas por M. Delly. A mulher de cor morena aparece no imaginário ocidental associada à sensualidade. Essa associação é explicada em *Casa grande & senzala*, por Gilberto Freyre “o tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, está envolto em misticismo sexual vestida sempre de encarnado”¹⁵². Ressalta ainda Freyre que, na Europa, dentro de uma convenção religiosa, houve uma idealização do tipo louro, identificado com personagens angélicos e divinos, em detrimento do moreno, identificado

¹⁵¹ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.45.

¹⁵² FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1984. p.9.

com os anjos maus, com os decaídos, os malvados. A própria literatura moderna brasileira reforça esse estereótipo quando, por exemplo, Clarice Lispector escreve: “Loura, pensava, era uma coisa infelizmente para o divino, tanto que as fadas e os anjos eram louros”.¹⁵³

Em *Freirinha*, volume 61, edição de 1947, há na capa uma imagem de dama antiga, de vestido vaporoso, languidamente recostada em uma *chaise longue*, com uma expressão distante e vaga nos olhos e com um livro aberto nas mãos.

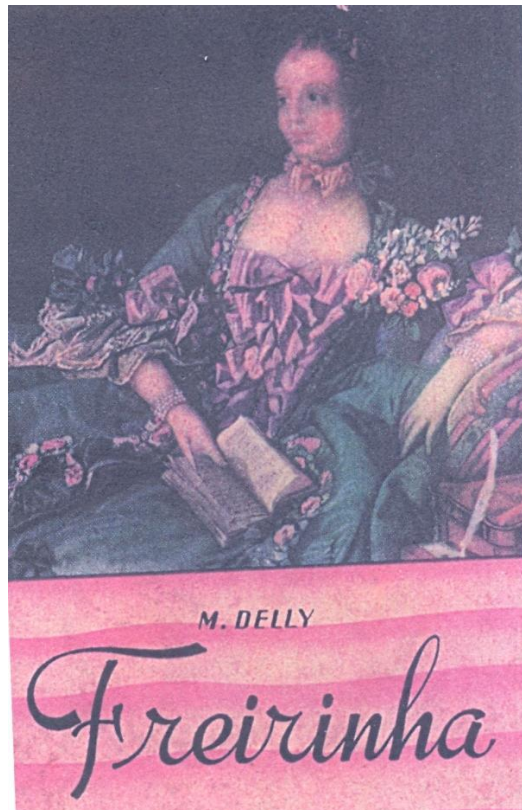


Figura 12¹⁵⁴

A imagem estampada parece convidar a leitora a olhar para “um outro mundo” co-extensivo com o seu próprio, mas diferente dele e onde, apesar da guerra e das perdas, a vida flui de forma branda: o sorriso é enigmático, o olhar é lânguido, a pose é dengosa. Tudo sugere tranquilidade, passividade feminina e aquele “perfume do passado”, aquela atmosfera em que há um misto *de belle époque* e mistério. Aqui, parecem cruzar-se as relações capa/ conteúdo/ tradição religiosa.

As representações do livro como companheiro da mulher e, conseqüentemente, da leitura como atitude solitária estão muito presentes na iconografia da própria leitura. Roger

¹⁵³ LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. p. 131.

¹⁵⁴ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.46.

Chartier enumera várias pinturas que retratam o ato da leitura feminina, onde se evidenciam detalhes como: o cão da família, os móveis do cotidiano, o sofá confortável, a atitude solitária entre surpresa e lânguida, a página aberta do livro sobre os joelhos e até as roupas utilizadas – batas soltas, conhecidas como *liseuses*¹⁵⁵. Enfim, a representação de uma relação de cumplicidade entre a leitora e o livro. Em inúmeras representações, conclui o autor, o livro aparece frequentemente como “companheiro de intimidade que suscita o sonho romanesco e fortifica a alma na hora das adversidades”¹⁵⁶.

Essas representações da leitura feminina foram e parecem continuar sendo frequentes e remetem a uma questão fundamental que dizia respeito a uma convenção literária/religiosa sobre um papel para a mulher: passiva, recatada, indolente, olhar vago e sonhador, postura formal, sempre à espera. Mulheres representadas, portanto com aquele límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência. É obvio que não se devem considerar essas representações e as respectivas “leituras” das imagens enquanto descrição exata de como as mulheres liam. Mas elas desvelam, si, alguns indícios sobre como as pessoas julgavam que deveria ser a leitura ou em qual ambiente se devia ler. A leitura parece atuar, assim, como uma das práticas constitutivas da intimidade individual, colocando a leitora em contato direto com suas emoções e pensamentos, em solidão e recolhimento. E, ao que tudo indica, era o romance que enlevava: o romance que saiu da carta, do diário íntimo, do relato de uma viagem; o romance que, ao assumir a forma de registro da vida privada, ia ao encontro de suas preocupações, contribuía para educar suas sensibilidades e seus sentidos, atravessava suas horas com estórias plenas de detalhes concretos. Nesse sentido, o romance era um veículo que privilegiava uma nova sensibilidade: o individualismo, a particularidade, o espaço físico circundante em sua especificidade.

Acompanhando, ainda, as imagens das capas de edições distintas do romance de M. Delly – *Corações inimigos* – é possível verificar suas transformações. Padronizadas e sem figuras na década de 1930, as capas transformaram-se em coloridas e mais artísticas ao longo dos anos 50. Essas mudanças apontam, de um lado, para um processo de modernização das editoras a partir dos anos 50 e, de outro lado, para uma provável

¹⁵⁵ CHARTIER, Roger. **Figures do Lire. Du livre au lire**. In: *Pratiques de La lecture*. Paris: Rivages, 1985. p.74 e segs.

¹⁵⁶ CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. **O livro: uma mudança de perspectiva**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 3ª Ed. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.107.

adequação às expectativas das leitoras que, mais exigentes, procuram o livro também por suas embalagens.



Figura 13 (1955) ¹⁵⁷

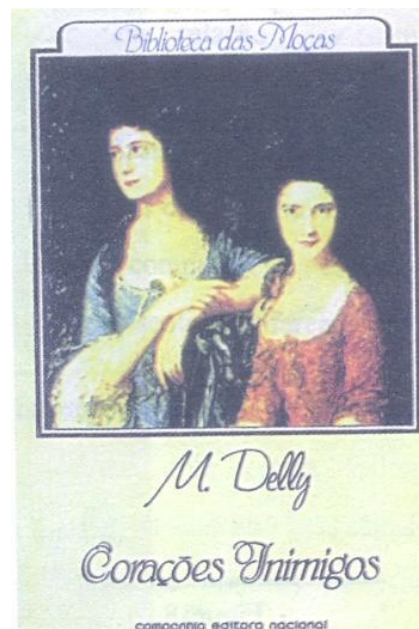


Figura 14 (1983) ¹⁵⁸

¹⁵⁷ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.47.

¹⁵⁸ Idem, *Ibidem*, p. 47

A capa desenhada do romance *Corações inimigos*, volume 154 da *Biblioteca da moças*, foi lançada em 1953 e alcançou alta vendagem – quatro edições entre 1953 e 1960. Se comparada à edição de 1930, a transformação foi radical. A capa tornou-se graficamente mais moderna, quer pelo seu colorido, quer pela presença de um casal representando personagens urbanos supostamente afinados com sua época. A figura masculina está representada de terno (como os homens de negócios) e a figura feminina veste roupa colorida, sem maiores adereços. Na representação da figura feminina pode-se observar não mais aquele ar de passividade, de convite ao devaneio; nessa capa a mulher, em primeiro plano, apresenta uma atitude que poderia ser considerada voluntariosa.

Padronizadas/ coloridas/ artísticas, as imagens das capas constituíam-se em protocolos de leitura e, à medida que iam se modificando, procuravam estabelecer uma relação maior entre títulos e conteúdos, possibilitando a cada comunidade de leitoras uma apropriação singular e particular dessas imagens. Assim, o processo de construção de sentido de um texto, a partir de suas imagens de capa, relacionava-se a cada comunidade de leitoras que, dotadas de competências específicas e práticas culturais singulares, poderiam produzir sentidos diferenciados, contrastantes.¹⁵⁹

É curioso observar que as edições recentes dos romances de M. Delly, lançados pela Companhia Editora Nacional a partir de 1985, foram mais ou menos padronizadas. Todas as capas têm fundo cor-de-rosa pálido e reproduzem obras clássicas de pintores famosos. Em *O fim de uma Valquíria*, a capa é um detalhe do quadro de Lady Lilit, composto pelo poeta, ilustrador e pintor inglês Dante Gabriel Rossetti; o romance *O passado* tem na capa detalhe da obra do pintor e artista gráfico francês Édouard Manet – Estação Saint - Lazare.

¹⁵⁹ CHARTIER, Roger. **A História cultural- entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhado. Lisboa : DIFEL, 1990. p.24

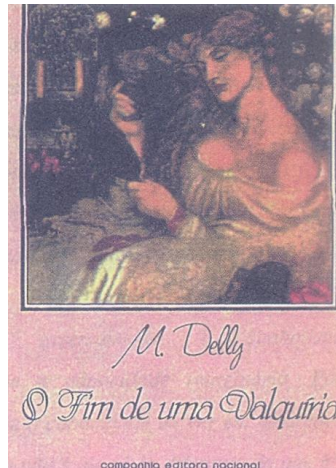


Figura 15¹⁶⁰

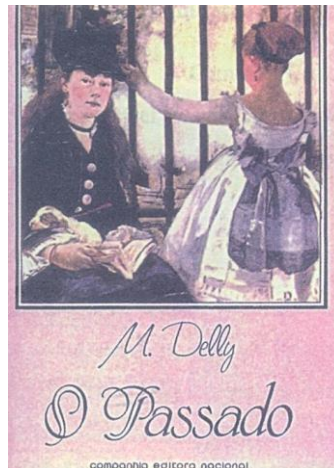


Figura 16¹⁶¹

Essas capas, além de classificar o texto fixando o gênero literário (literatura para moças), representavam cenas intimistas, românticas. Não obstante a distância temporal entre as edições das décadas de 40 e 50 e as décadas de 80, as imagens das capas dirigem-se frontalmente à leitora, em um trabalho de persuasão constante, e evidenciam a utilização simbólica na construção de um imaginário.

Como o imaginário exprime-se através do simbólico, as capas evocavam símbolos convencionalmente ligados a uma atitude romântica – cores claras, mulheres rodeadas de

¹⁶⁰ CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução - os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.p.48.

¹⁶¹ Idem, *Ibidem*, p.48.

flores, pássaros e animais domésticos – lidam com a imagem sob a forma de representação. A representação, nesse caso, permite identificar situações consideradas típicas do feminino tradicional – paz, recato, ligação com o mundo privado – que povoaram a literatura romântica até bem pouco tempo e, por força de convenções, reafirmam a relação entre o que está dito, mas está significando.

Do mesmo modo que as capas, os títulos e as disposições tipográficas dos livros podem ser decisivos para a construção do seu significado. Olhar e tentar analisar os títulos dos romances, neste trabalho, é apontar, também, como eles constroem um efeito de credibilidade. Em geral. As capas e os títulos reforçam a significação do texto, o que faz grandes leitores – como Walter Benjamin – confessarem sua decepção quando há dissonância entre um e outro: *Foi na ilustração de um livro cujo título de modo algum se casava com o conteúdo.*¹⁶²

No caso da coleção *Biblioteca das moças*, os títulos dos romances, não raro, anunciam e orientam a narração futura. Eles ocupam uma posição estratégica e oferecem pistas à leitura que virá. Sendo o primeiro texto através do qual um livro se dá a ler, eles fornecem igualmente ao leitor a indicação do seu gênero, o seu conteúdo, o seu vir-a-ser. Podem, em suma, ser considerados um indicador geralmente fiel de um conteúdo. Roger Chartier aponta, contudo, que é a partir dos títulos que “se pode efetuar o imenso trabalho quantitativo de discussão temática das leituras, sendo sua função maior, no entanto, a de venda”.¹⁶³

Os livros *Magali* e *Mitsi*, por exemplo, utilizam como títulos nomes próprios femininos e focalizam a vida de duas jovens, seus cotidianos e seus amores. Os títulos aparecem com destaque nas capas dos livros, em letras maiúsculas, habilmente desenhadas. O uso de nomes próprios femininos como títulos de romances é emblemático e costuma ser utilizado como estratégia para atrair maior número de leitoras e leitores. Lawrence Hallewell relata como o editor Monteiro Lobato, na década de 40, aconselhou certa vez a um autor: - *Ponha de preferência um nome feminino porque em cheirando a mulher lá dentro, os leitores concupiscentes compram ‘por ver’.*¹⁶⁴

O nome próprio “encerra e cristaliza várias sentenças potenciais ou latentes que vão se revelando, manifestando, atualizando o que estava só guardado e escondido de maneira

¹⁶² BENJAMIM, Walter. Op. cit., p.115

¹⁶³ CHARTIER, Roger. Op. Cit, 1988. p.107.

¹⁶⁴ HALLEWELL, Lawrence. Op. cit., p.252.

cifrada”.¹⁶⁵ Nome confere e revela origens, filiações, pertencimentos, além de sugerir intimidade. Dessa maneira, nada mais natural que os nomes das heroínas de M. Delly tivessem sido apropriados pelas leitoras.

Na vasta obra de M. Delly, como na coleção *Biblioteca das moças*, em geral, há muitos outros romances cujos títulos são nomes próprios femininos que, a propósito, não se distinguem dos nomes da vida real: *Ondina, Magali, Elza, Elfrida*; ou ainda nomes que designam jovens, modelos de filhas, seus sonhos, encontros e desencontros sempre finalizando com a chegada do príncipe encantado e, por conseguinte, do casamento. Em *Freirinha*, outro campeão de vendagem, o título oferece à jovem personagem uma conotação religiosa, sugere uma perspectiva de ascese moral, um referente absoluto de pureza, doçura, modelo a ser seguido. A heroína não está nomeada pelo seu nome próprio, mas tem um qualitativo expresso no uso do diminutivo, tal como *A fadazinha* ou ainda, em *Mulherzinhas*, ou *Boas esposas*. Embora querendo apenas divertir a jovem leitora, podem ser consideradas como estratégias que se articulam para propagar um modelo de mulher que participaria da edificação moral, social e religiosa da própria sociedade. Outros títulos como *Escrava... ou rainha?* parecem não deixar dúvidas quanto à situação da protagonista. O uso do termo coloca a dualidade da proposta. Parece não haver saída, embora, romanticamente, ao final, quem triunfa é mesmo a rainha. Mais amplamente, esse título aponta para os lugares sociais que poderiam ser ocupados pela mulher, impossibilitando mobilidade social.

Outros títulos como *Beijo ao luar, Sempre no meu coração, Meu vestido cor-do-céu, O rei de Kidji, A querida do meu coração, e Alma em flor* estão expressos por palavras que sugerem romantismo e ajudam a excitar as imaginações, aguçar as sensibilidades, propiciar a fantasia e o sonho mais do que, talvez, favorecer a própria leitura.

Tudo inclina a pensar que os romances, suas capas e títulos, em especial, tinham por meta não “perverter” a imaginação feminina, e sim, garantir o lugar que essa mulher deveria ocupar na sociedade e daí sua apresentação suave, seus títulos sedutores, sua leitura amena, elementos favoráveis para uma boa formação da mulher.

Os livros da Coleção Biblioteca das Moças eram extremamente populares entre jovens em um período onde a educação feminina estava começando a germinar. Rachel de Queiroz, assim como muitas outras jovens, se encantou pela leitura desses romances, por

¹⁶⁵ Citado por MIGNOT, Ana Crystina Venancio. **Decifrando o recado do nome: Uma Escola em busca de sua identidade pedagógica**. Rio de Janeiro: mimeo. 1992, p.10.

eles justamente propiciarem o desenvolvimento da sensibilidade e do imaginário romântico, experiências que se caracterizavam como uma forma de educação. Assim, essa literatura, para aquela geração de leitoras, funcionou como uma forma de socialização secundária, como um dos processos formais para interiorização e/ou reforço de normas, condutas e valores.

Depois do último capítulo

Escrevo uma conclusão ao meu texto enquanto abandono e guardo, momentaneamente, meu objeto de estudo. Guardar pode ser o que propõe o poeta Antonio Cícero:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda nada.

Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela¹⁶⁶.

Abandono e guardo os livros porque começo a entender que haverá, sempre, outras possibilidades de leitura e interpretação em virtude da própria fragmentariedade de uma abordagem e, principalmente, porque “todo texto é produto de uma leitura, uma construção de seu leitor”¹⁶⁷. Assim, o trabalho realizado, o que apreendi, narrei, descrevi, analisei foi a minha leitura do objeto; uma oferta de um feixe de possíveis – tecidos abertos e inconclusos de conhecimentos e impressões; lidos e interpretados tanto a partir de descobertas objetivas como correndo o risco de transitar pelos caminhos do apenas imaginável.

Narrar e analisar as diversificadas representações contidas nos vários textos que li exigiu flexibilidade, daí as abordagens transdisciplinares, lendo com múltiplos olhos o que estava escrito; ouvindo com infinitos ouvidos o que foi contato e silenciado; transitando com muito cuidado do ver e ouvir, ao dizer e escrever.

A elaboração desse trabalho foi um grande desafio. A atividade de pesquisa não se realiza de maneira linear. Têm rituais e dinâmicas próprias e se faz de inevitáveis desvios, retrocessos, recuos e também avanços. Foi difícil, muitas vezes, lidar com essas condições e reconhecê-las como partes constitutivas e constituintes da construção de conhecimento. Isso implicou, portanto, assumir alguns riscos, experimentar novas escolhas, conviver com lacunas, aceitar o imponderável e superar perdas.

Pesquisar sobre a mulher é algo que sempre me proporciona um imenso prazer, e, frente aos obstáculos encontrados por ela, muita indignação. A mulher leitora hoje deve

¹⁶⁶ Antônio Cícero. “**Guardar**”. In: Folhetim da Folha de São Paulo; nº 517; 01/01/1987. p.12.

¹⁶⁷ CHARTIER. Roger. **A ordem dos livros**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora UnB, 1994.

muito à mulher leitora de ontem, que era oprimida e censurada por uma sociedade machista que ditava o que ela devia ler, vestir, falar e fazer.

A mulher escondida. Guardada. Principalmente invisível, a se esgueirar na sombra. Reprimida e ainda assim sob suspeita. Penso hoje que foi devido a esse clima de reclusão que a mulher foi desenvolvendo e de forma extraordinária esse seu sentido da percepção, da intuição, a mulher é mais perceptiva que o homem. Mais fantasiosa? Sim, embora mais secreta. Mais perigosa! Repetiam os tradicionais inimigos da mulher perseguida através dos séculos até o apogeu das torturas, das fogueiras, pois não era a Ânfora do Mal, Porta do Diabo?...Curiosamente foi esse preconceito que acabou por desenvolver nela o sentido perceptivo, uma quase vidência: na defesa pessoal, a sabedoria da malícia.

Dentre essas inúmeras mulheres que liam pelos cantos, escondidas; que eram rigorosamente monitoradas e educadas, que não tinham voz na sociedade, que era relegada aos cuidados da casa e dos filhos, eis que surge Rachel de Queiroz, uma mulher incrivelmente culta e “terrivelmente” politizada para a sua geração. Filha de exímios leitores, assim também se tornou. Uma verdadeira “devoradora de livros” que deixa para os pesquisadores da atualidade a exaustiva e deliciosa tarefa de desvendar todas essas leituras e toda essa fome por ler.

Com esse trabalho pude comprovar a sua grandiosidade como pessoa, escritora, leitora e mulher. Senti pontadas de orgulho cada vez que li sobre os desafios vencidos por ela, sozinha, quando toda uma sociedade machista tentava fazer com que ela fracassasse.

A maior descoberta, para mim, foi encontrar em meio às várias leituras dessa mulher forte e intelectual, vestígios da mulher romântica que também gosta de finais felizes e estórias açucaradas. Através de Rachel de Queiroz pude chegar à Coleção Biblioteca das Moças.

O mais impressionante como escrevi na introdução, é que essa coleção foi uma febre editorial na época. As mulheres estavam mostrando para todos o peso que elas possuíam como leitoras, afinal, se os livros eram destinados à ela, e eles estavam vendendo mais e mais a cada nova edição, quer dizer que um número grandioso de mocinhas e adultas estava lendo-os.

Analisando os enredos das estórias que descreviam a trajetória da jovem, da meninice até o casamento, tornou-se possível encontrar bem caracterizado o caráter normativo desses livros. Ali tudo era prescrito de forma agradável, em um clima de

encantamento e fantasia típicos dos contos de fadas que assegurava à leitora curiosa, o benefício de um final feliz.

Hoje, apesar de reeditados na década de 80, os romances sequer são lembrados. Mas, ao que tudo indica deixaram herdeiros. Mais apimentados, mais compatíveis com o nosso tempo, sem nobres e sem tanta pompa, vendidos em bancas de jornal e provavelmente comprados por outro público consumidor, eles sobrevivem e são representados pelas várias coleções – Sabrina, Bianca, Júlia – que reeditam, em versão anos 90, o romance de amor açucarado. Neles se continua a amar romanticamente e a recompensa é sempre a conquista do “paraíso da felicidade a dois”. Suas altas vendagens autorizam e inferir que o coeficiente de escapismo ainda existe.

A necessidade de abandonar, mesmo que momentaneamente, este trabalho obriga a admitir que, apesar de toda pesquisa realizada, ficaram, ainda por analisar, fios soltos ao mesmo tempo em que eles foram abandonados.

Falar sobre mulheres leitoras, Rachel de Queiroz e a Coleção Biblioteca das Moças são assuntos grandiosos demais para serem decifrados em apenas dois anos de pesquisa. Um caminho muito maior se abrirá à minha frente depois dessas últimas linhas, e um trabalho muito mais árduo estará a minha espera. Mas no campo das pesquisas há sempre o prazer de novas e inúmeras descobertas; e sempre há pesquisadores que nunca estão satisfeitos com os pontos finais. Sempre seguem em frente.

Vou seguir em frente.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Histórias de leitura: cultura letrada no Brasil, objetos e práticas*. São Paulo: Mercado da Letras, ALB e FAPESP.

ABREU, Márcia. *Histórias de leitura: Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado da Letras, ALB e FAPESP.

AGASSIZ, Luiz, CARY, Elizabeth. *Viagem ao Brasil; 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. São Paulo: Pontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. São Paulo: Mérito, 1959.

_____. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

_____. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

AUGUSTI, Valéria. *O discurso sobre o público leitor e o enobrecimento do gênero romance*. In <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos>.

BEAUVOIR, Simone. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BELMAN, E. *Moça prendada*. In: LEITE, Miriam Moreira (org) *A condição feminina no Rio de Janeiro; século XIX*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: T.A.Q, 1988.

BICALHO, Maria Fernanda B. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina O. (org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1939.

BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

BUFFAULT, Anne-Vicent. *História das lágrimas*. Tradução de Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Vol.2. São Paulo: Martins, 2006.

_____. *Crítica e Sociologia*. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A Queiroz, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guglielmo (orgs). *História da Leitura no mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. *O livro: uma mudança de perspectiva*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 3ª Ed. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CHARTIER, Roger. *A História cultural- entre práticas e representações*. Tradução de M. Manuela Galhado. Lisboa : DIFEL, 1990.

_____. *Figures do Lire*. Du livre au lire. In: *Pratiques de La lecture*. Paris: Rivages, 1985.

_____. *O mundo como representação*. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. *Estudos Avançados*. São Paulo: 11(5); 1991.

_____. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Tradução de M. Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *A ordem dos livros*. Tradutor: Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial, 1999.

_____. *As revoluções da leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia. 1999. *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil; FAPESP. (Coleção Histórias de leituras), 1999.

_____. *Do livro à leitura*. In: *Práticas da Leitura*. Tradutor: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: Uma introdução*. São Paulo: Becca, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. 1995. *Educação e Sedução*. Normas, Condutas, Valores de M. Delly. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo.

CUNHA, Maria Teresa Santos. 1999. *Armadilhas da sedução – os romances de M.Delly*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. *Com a Palavra, as Imagens! Representação do Feminino nas Capas dos Romances da Biblioteca das Moças (1940-1960)*, Jornal Educação & Imagem. In: http://www.lab-eduimagem.pro.br/JORNAL/artigos.asp?imagem=06&NUM_SECAO=06&NUM_JORNAL=8&ID=223

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DAVIS, Natalic Zemon. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1954. 2.v.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1935.

FONSECA, Cláudia. *Solteiras de fino trato: Reflexões em torno do (não) casamento entre pequenas burguesas no início do século*. In: Revista Brasileira de História Nº18. São Paulo, ago./set. 1989.

FOUCAULT, Michel. *La verdad y las formas jurídicas*. México: Gedisa.

_____. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Pondré Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1984.

GLASS, William. *A arte do self*. Tradução de Clara Alain. In: Folha de São Paulo (SP), Caderno MAIS, 21-08-1994.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz/ EDUSP, 1985.

HANSEN, João Adolfo. 2005. *Reorientações no campo da leitura literária*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *As Melhores Crônicas de Raquel de Queiroz*. São Paulo: Global, 2004.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa- Mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

KIDDER; Daniel; FLETCHER, J.C. *O Brasil e os brasileiros; esboço histórico e descritivo*. São Paulo: Nacional, 1941.

KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Trad. Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Nacional, 1942.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura – Memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAMBERG, Moritz. *Educação diferenciada*. In: LEITE, Miriam Moreira (org) *A condição feminina no Rio de Janeiro; século XIX*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1984.

LANG, Cíntia da Silva (s.d.), *Bastidores da Produção da Coleção Biblioteca das Moças*, São Paulo: PUC. In: http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss02_02.pdf

LEUJENE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. In: _____. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa. *Júbilos e Miséria do Pequeno Eu*. In:_____. Sociedade e discurso ficcional. RJ: Guanabara, 1986.

LIRA, José Luís. *No Alpendre com Rachel*. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras. Editora Cidadania. 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LOWY, Michel e SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1993.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Trad. Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

M. DELLY. *Magali*. Tradução de Apaminondas de Albuquerque. 10ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

_____. *Freirinha*. Tradução de Ernani R. de Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

_____. *Meu vestido cor do céu*. Tradução de Tito Marcondes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

_____. *Vencido*. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. 10ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. *A Vingança de Ralph*. Tradução de Lila Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. *Mitsi*. Tradução de Zara Pongetti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

MANET, Edouard. *Lettres de jeunesse (1848-1849); Voyage à Rio*. Paris: Louis Rouart & Fils, 1928.

MOLLOY, Sylvia. *Introdução*. In: _____. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó, Argos, 2003.

NAVA, Pedro. *Galo das trevas*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. *Elos de um corrente – seguidos de novos elos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PRIORI, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Ana Luíza de. *Tantos Anos – Uma biografia*. São Paulo: ARX, 2004.

REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessituras de destino – mulher e educação*. São Paulo, 1910/1920/1930. Dissertação de Mestrado em História. PUC/SP, 1991 (mimeo).

RODRIGUES, Eni Neves da Silva. *A Literatura como tema do Discurso Crítico nos jornais Mato-Grossenses da segunda metade do século XIX*. In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos>. Acesso em: 18/11/2008.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *A leitura no espaço e o espaço da leitura*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Histórias de leitura: cultura letrada no Brasil, Objetos e práticas*. São Paulo: Mercado da Letras, ALB e FAPESP.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na biblioteca pública da corte imperial*. In: ABREU, Márcia. *Histórias de leitura: Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado da Letras, ALB e FAPESP.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Histórias da literatura brasileira*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 12ª ed. São Paulo: Difel, 1984.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1984.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. *Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese de doutorado, Departamento de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. *Variedades Literárias*. In: *O que é Literatura? e outros escritos*. São Paulo: Landy, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

PERIÓDICOS:

Cadernos de Literatura Brasileira, de 2002.

Folha de São Paulo, de 1992.

Diário de Notícias, de 1939, 1945, 1952, 1953, 1955, 1956, 1958, 1959, 1960.

Diário de Notícias-letras e artes, de 1950, 1951, 1952.

Diário de Notícias-revista feminina, de 1953, 1955.

Jornal da Moças, de 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1950, 1956, 1962.

Luzes Femininas, de 1955, 1956.

O Carioca, de 1935, 1936, 1937, 1939, 1952, 1956.

O Cruzeiro, de 1939, 1947, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955.

O Estado (SC), de 1989.

O Globo, de 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934.

Revista USP, de 2002.

Vida Doméstica, de 1937, 1940, 1941.